II SÉRIE Nº18 SETEMBRO 1978 Pr. 25$

REVISTA PORTUGUESA DE

xadrez

XXXIV CAMPEONATO NACIONAL INDIVIDUAL

terminada a fase preliminar tudo a postos para a final

as partidas do match Karpov-Korchnoi

REVISTA PORTUGUESA DE
xadrez

II SÉRIE — Nº 18 — SETEMBRO 1978

(periodicidade mensal)

SUMÁRIO

102 Consulta
103 XXXIII Campeonato Nacional (Preliminares)
104 Campeonato Mundial Masculino
109 Crónica de um hibernado Soluções
110 Campeonato Mundial Feminino
112 Problemas
113 Sistema Elo
114 Internacional
116 Finais
117 Partidas Comentadas
118 Protestos e Acordãos

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — **Sede da redacção e administração:** Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2º, Lisboa-1 — Telfs. 53 90 27/8.

Director: Simões Nunes — **Corpo redactorial:** Álvaro Fernandes (chefe de redacção), Álvaro Pereira, José Pereira dos Santos, José de Sousa, José Vinagre, Luis Santos, Miguel Costa, Rui Nascimento, Rui Silva Pereira, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Álvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirino, Vitor Cardoso — **Colaboram neste número:** Américo Rebordão, Costa Cabral, Angel Martin, António Pereira Santos, Fernando Silva, João Cordovil — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos — **Correspondentes:** Cássio Martins (S. Paulo - Brasil), Joaquim Serra (Setúbal), Justino Carvalho, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Américo Costa, Isabel Rodrigo, José de Almeida

Composição e impressão: GRUA Artes Gráficas, Lda., Calçada dos Barbadinhos, 114-A, Lisboa.

Tiragem: 5.000 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 25$00 — **Assinatura semestral:** 80$00 — **Assinatura anual: Portugal:** 150$00, **Espanha:** US$4.50, **Europa e países africanos de expressão portuguesa:** US$6.00, **Restantes países:** US$8.00, ou o equivalente noutras moedas. Números atrasados: 15$00.

SECÇÃO DE CONSULTA

p. — 1) Tenho lido na RPX várias referências à "Enciclopédia de Aberturas". Como a não encontro nas livrarias, agradecia que me informasse de como a posso adquirir.

2) Desejando assinar algumas revistas de xadrez estrangeiras agradecia que me informasse quais as que recomenda e como as posso obter.

3) Será possível adquirir, e em caso afirmativo como, os números da RPX que se publicaram entre 1937 e 1945 ou 1946?

Jorge Rego — AMADORA

R. — 1) Dos cinco volumes previstos já saíram quatro. Pode adquiri-los a Joaquim Durão, R. Luciano Cordeiro 19 r/c Esqº, Lisboa.

2) Pessoalmente aconselho as revistas "Europe Échecs", francesa e "Chess Life and Review", americana. Pode adquiri-las também a Joaquim Durão.

3) A edição encontra-se esgotada.

P. — 1) Defina-me teoricamente as seguintes linhas:

a) 1. Cf3 d5 2. g3 Cf6 3. Bg2 e6 4. 0-0 Be7 5. d3 0-0 6. Cbd2 c5 7. e4 dxe4 8. dxe4.

b) 1. e4 e6 2. d3 d5 3. Cd2 Cc6 4. Cgf3 Cf6 5. g3 dxe4 6. dxe4 Bc5 7. Bg2 e5 8. 0-0 0-0

c) 1. d4 c5 2. Cf3 e6 3. c4 Cf6 4. Bg5 Be7 5. Cc3 Cc6 6. e3 d5 7. dxc5 Bxc5 8. cxd5 Ce5

d) 1. e4 g6 2. d3 Bg7 3. Cf3 Cf6 4. g3 b6 5. Bg2 Bb7 6. 0-0 0-0 7. Cg4 e5 8. c4

2) Agradeço que me comente o extracto de partida 1. e4 e5 2. Bb5 Cf6 3. d4 Cxe4 4. De2 Cd6 5. Dxe5+ De7 6. Dxe7+ Bxe7 7. Bd3 Cc6 8. c3 0-0 9. Cf3 Te8 10. 0-0 Bf6 11. Bf4 b6, bem como a variante 5. Bd3 Cc6 6. dxe4 Cd4 7. Dg4 (ou De3) C6b5 8. a4 d5 9. Dd1 Dh4.

No nº 13 da RPX refere que "...depois de 5. Bd3 as negras forçam a mesma continuação com 5...Cc6. Não há alternativa para 6. Dxe7+ devido ao ataque ao Pd4" Como assim a mesma continuação?

R. — 1) a) e b) Ataque índio de rei ou, talvez, defesa francesa; c) Defesa Tarrasch; d) Inglesa.

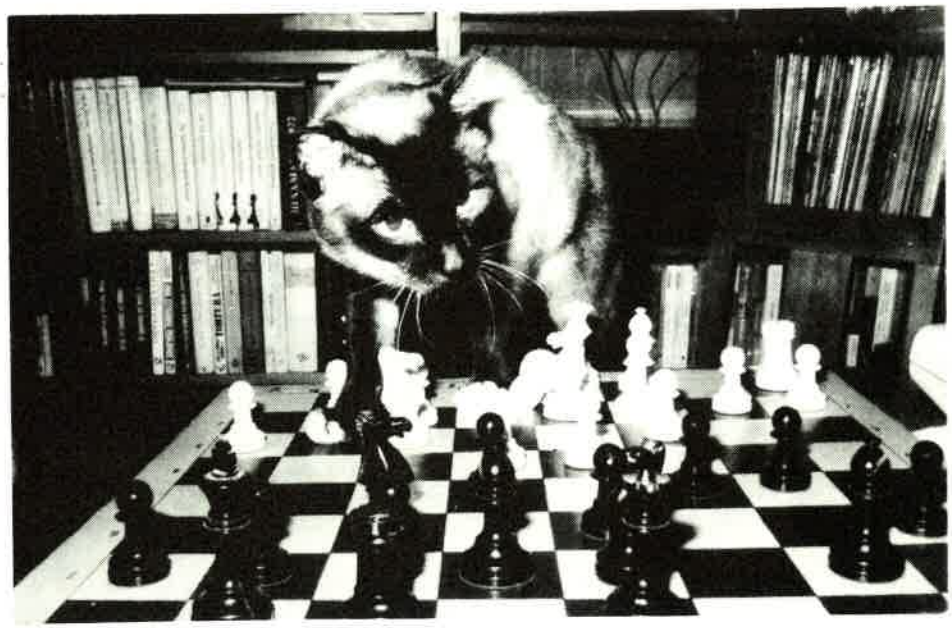
N.B.: na classificação das aberturas não interessa tanto a ordem dos lances, mas mais a estrutura resultante.

2) Tem razão. 6. Dxe7+ nem sequer é possível. Como a secção era bastante grande no nº13, devo ter trocado a posição. A resposta só seria válida para 5. Dxe5+ De7 6. Bd3 Cc6, logicamente.

Efectivamente depois de 5., Bd3 as brancas devem ter vantagem. A ameaça é 6. dxe5. Se 5...e4 então 6. f3 Cc6 7. c3 f5 8. Cd2 De7 9. fxe4 Cxe4 10. Cxe4 11. Bxe4 d6 12. Bg5! ou 8...Be7 9. fxe4 fxe4 10. Cxe4 0-0 11. Cf3 Cf5 12. d5. Se 5. Bd3 Cc6, como indica, parece-me preferível 6. c3 simplesmente.

VICTOR SILVA

Aqui há gato



Ao leitor que nos enviar a melhor legenda para esta fotografia, até fim de Outubro, oferecemos uma assinatura anual da RPX.

XXXIII campeonato nacional (preliminar)

Decorreu a fase preliminar do XXXIII Campeonato Nacional Individual de 6 a 15 de Agosto nas instalações da Móbil Portuguesa, em Lisboa.

Este foi o primeiro campeonato a ser efectuado segundo o novo regulamento, o qual prevê o apuramento para esta fase dos campeões distritais, campeões nacionais de juniores, juvenis e feminino. Além destes, mais quinze jogadores dos melhores classificados nos respectivos distritais; estes lugares serão distribuídos pelas Associações segundo o método de Hondt, tendo em atenção o número de jogadores inscritos pela mesma na época anterior.

Este ano ficaram assim distribuídos os 15 lugares:

LISBOA 7
PORTO 4
SETÚBAL 2
FARO 1
SANTARÉM 1

Uma vez que houve jogadores desistentes dos lugares a que tinham direito pelas mais variadas razões, pôs-se o problema da sua substituição pelos jogadores imediatamente classificados nos respectivos torneios. Na reunião da direcção da FPX, a opinião aprovada, em virtude de se achar que o regulamento de provas não seria muito claro quanto ao assunto, foi a que se devia proceder às substituições.

Assim, dado que o representante do Funchal não pôde comparecer devido a problemas com os transportes aéreos, jogaram esta preliminar os seguintes 32 concorrentes:

Luís Santos, vice-campeão de Lisboa, em substituição de J. Cordovil. António Pereira dos Santos, Renato Pereira, Rodolfo Lavrador, Luís Ochoa, António Fernandes, José Morgado, Eduardo Casimiro; estes sete, os apurados para os lugares atribuídos à AXL, além de Fernando Sequeira Jr., campeão nacional de juvenis e de Ilda Miranda, vice-campeã nacional feminina, em substituição de Isabel P. Santos.

Pelo Porto tivemos Silvio Santos, vice-campeão distrital, em substituição de J. Guimarães, Fernando Castro, José Azevedo, Arlindo Vieira e José Abrunhosa; os 4 últimos ocupantes dos lugares atribuídos à Associação; um dos jogadores substituíu J. Andresen, que não pôde vir à última hora.

Setúbal apresentou o vice-campeão distrital Manuel Almeida em substituição de M. Brito. Os outros dois lugares foram preenchidos por Bernardo Coelho e Vitor Morais.

Santarém: Martinho Lopes, campeão distrital, e Frederico Ferreira.

Braga conseguiu mais um lugar, pois Pedro Palhares era já o campeão nacional de juniores, portanto já com direito próprio, o que equivaleu a oferecer ao vice-campeão Manuel Coelho, o lugar pertencente a Braga.

Viana do Castelo enviou o seu campeão Firmino Silva.

Coimbra esteve representada por Luís Quaresma, respectivo titular.

Faro enviou o campeão Lamy Rocha e o outro lugar foi preenchido por Hermenegildo, o nome mais comprido do torneio, que a organização evitava escrever nos mapas, ficando apenas H. Furtado, seu apelido. Pela Guarda, compareceu António Ferreira, que é homónimo do representante de Aveiro que foi "rebaptizado" com A. Campos. Nelson Simões representou Leiria e António Horta o distrito de C. Branco. Manuel Pintor veio de Viseu e Nuno Amaral, de férias, não chegou a vir de Portalegre, pelo que foi eliminado. Também logo na segunda sessão, Bernardo Coelho desistiu "por ser proibido fumar e porque não lhe pagavam as passagens". Como a desistência veio pelo correio (telegrama) não pudemos informar o referido jogador, que no dia anterior tinha querido saber a que tinha direito no respeitante a passagens, tendo ficado com a resposta em suspenso para o dia seguinte, aquele em que desistiu, de que lhe seriam pagas parte das passagens, em igualdade de circunstâncias com os outros jogadores das partes mais afastadas do país. Assim ficaram reduzidos a trinta os jogadores. De acordo com a lei da DGD, decidiu a organização proibir o fumo na sala de jogo. E assim, tragicomicamente, os jogadores mais "escravos" do fumo frente ao tabuleiro, passavam boa parte do tempo de reflexão fora da sala, olhando o magnético mural (qual Spassky enervando Korchnoi) e voltando imediatamente que o adversário respondia. Os fumadores protestavam... Na segunda sessão, Ochoa teve um problema com a organização, quando a proibição ainda se mantinha, "pois já tinha havido tempo para uma reunião com os jogadores por parte da organização" o que na realidade não fora possível. Nesta tempestade em copo de água que esteve prestes a ser atirado à cara do director do torneio, Ochoa perdeu apenas meio ponto, o que até o beneficiou, sabendo como ele gosta dos gambitos suiços que sempre o favorecem. Mas a reunião foi feita com os jogadores, auscultadas as suas opiniões, e a direcção decidiu deixar fumar apenas os jogadores, mantendo o público dentro da proibição. Qualquer destes dois tipos de proibição é usado no estrangeiro e não apenas o último. (Ausculte-se a representação portuguesa em Schilde 1978). De qualquer maneira, o problema foi resolvido a contento, pois o ar condicionado e a ventilação aspiravam o fumo (quase) completamente. Só no espaço aéreo de Renato Pereira ou M. Lopes se notava a poluição, qual nuvem ameaçadora...

Sobre o torneio em si, pessoalmente, creio não haver muito a dizer. Houve bons e maus lances, idem para as partidas, dois sintéticos até determinada altura (por certo, alguém quis destruir a harmoniosa sementeira de zeros, afanosamente conseguida pela Ilda; até já se dizia que "nunca tinha visto uma ficha de sistema suiço só com zeros..) e um despique ardoroso até ao fim pelos oito lugares que apuravam para a final. Como disse alguém "redde Caesar quae sunt Caesaris"; ipso facto os melhores impuseram-se.

Pedro Palhares, apurado, não poderá no entanto disputar a final, pois estará nessa altura a jogar o Campeonato Mundial de Juniores, pelo que foi substituído por Renato Pereira. Estes oito apurados juntar-se-ão ao campeão nacional F. Silva e aos 3 melhores (ao tempo) Elos nacionais: J. P. Santos, J. Durão e Rui Pereira. Os doze farão muito sangue (assim o espero) na final mais forte dos últimos anos em S. João da Madeira.

Última hora: J. P. Santos não poderá participar por motivos escolares, pelo que será substituído por António Ferreira da Guarda.

F. OLIVEIRA

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX
1. LUÍS SANTOS	12 1	7 1 1/2	8 2	11 2 1/2	13 3 1/2	6 4 1/2	5 5 1/2	2 6	4 6 1/2
2. ANTONIO P. SANTOS	16 1	20 1 1/2	7 2	4 3	5 3 1/2	3 4 1/2	9 5	1 5 1/2	6 6
3. FERNANDO SEQUEIRA	10 0	24 1	12 2	20 3	9 3 1/2	2 3 1/2	13 4 1/2	8 5 1/2	5 6
4. SILVIO SANTOS	23 1/2	27 1 1/2	20 2 1/2	2 3	8 3	7 4	6 4 1/2	19 5 1/2	1 6
5. MARTINHO LOPES	26 1	25 2	15 3	6 3 1/2	2 4	8 5	1 5	9 5 1/2	3 6
6. PEDRO PALHARES	1F	22 2	9 3	5 3 1/2	19 4 1/2	1 4 1/2	4 5	7 5 1/2	2 6
7. ANTÓNIO FERNANDES	24 1	1 1 1/2	2 1 1/2	10 2 1/2	11 3 1/2	4 3 1/2	21 4 1/2	6 5	13 5 1/2
8. LUÍS OCHOA	1F	10 1 1/2	1 2	22 3	4 4	5 4	19 5	3 5	9 5 1/2
9. RENATO PEREIRA	21 1	13 2	6 2	15 3	3 3 1/2	19 4	2 4 1/2	5 5	8 5 1/2
10. ANTÓNIO FERREIRA	3 1	8 1 1/2	19 1 1/2	7 1 1/2	20 2	22 3	25 4	11 4 1/2	15 5 1/2
11. ARLINDO VIEIRA	27 1/2	23 1	14 2	1 2 1/2	7 2 1/2	17 3 1/2	15 4	10 4 1/2	16 5 1/2
12. JOSÉ MORGADO	1 0	30 1	3 1	19 1	26 2	18 2 1/2	24 3 1/2	21 4 1/2	17 5 1/2 F

13. Manuel Almeida, 14. Vítor Morais, 5 pontos; 15. José Abrunhosa, 16. Manuel Coelho, 17. Eduardo Casimiro, 18. António Horta, 4 1/2; 19. Rodolfo Lavrador, 20. Fernando Castro, 21. Luís Quaresma, 22. Firmino Silva, 23. Lamy Rocha, 24. Hermenegildo Furtado, 4; 25. José Azevedo, 3 1/2; 26. Frederico Ferreira, 3; 27. Nelson Simões, 28. António Campos, 2 1/2; 29. Manuel Pintor, 30. Ilda Miranda, 2.

ANTÓNIO P. SANTOS — FERNANDO SEQUEIRA Jr.
Eslava

1. d4 d5 2. Cf3 d6 3. c4 Cf6 4. Cc3 e6 5. Bg5 Be7 6. e3 Cbd7 7. Dc2 0-0 8. Td1 b6 9. Bd3 Bb7 10. 0-0 Te8 11. De2 Cf8 12. Bf4 Cg6 13. Bg3 Bd6 14. Ce5 Dc7 15. f4 Tad8 16. h4 Ce7 17. Bh2 h5 18. e4 Be5 19. fxe5 Cg4 20. exd5 exd5 21. Tf7 Ba6 22. Tdf1 Dc8 23. cxd5 1:0

O leitor terá possivelmente tido dificuldade na leitura deste exemplar da RPX.

A impossibilidade de aumentar o número de páginas e o desejo de dar mais informação, a já crónica falta de espaço, levaram-nos a utilizar tipos de letra que talvez não sejam os mais convenientes.

Embora certos da vossa compreensão aqui vão as nossas desculpas.

Conforme já tínhamos anunciado no nº anterior o preço avulso da RPX passou para 25$00.

Lembramos aos nossos leitores que apenas temporariamente poderemos manter o preço das assinaturas que lhes permite adquirir ainda a revista por metade do preço de capa.

Aproveite esta nossa promoção de assinaturas!

Karpov-Korchnoi 1978

As quatro partidas iniciais foram publicadas no número anterior.

V. KORCHNOI — A. KARPOV

5ª PARTIDA
Nimzoíndia

1. c Cf6 2. d4 e6 3. Cc3 Bb4 4. e3 c5 5. Ce2

Com os seus dois últimos lances, as brancas insistem em opor à citada defesa o Sistema Rubinstein de maneira bem clássica, isto é, respeitando a ideia original de Akiba Rubinstein (1882-1961) de retomar com o Ce2 e em caso de troca em *c3*, não permitindo qualquer dobragem de peões, ainda que momentânea (JC).

5...d5

Na 3ª partida Karpov passou por apuros com a variante 5...cxd4 6. exd4 d5 7. c5

6. a3 Bxc3+

Contra 6...cxd4? ! o melhor é axb4! (com 7. exd4 inverter-se-ia para 5...cxd4 6. exd4 d5 7. a3 e já vimos que Korchnoi prefere aqui 7. c5) dxc3 8. Cxc3 e o Db4 é mais um ariete que uma fraqueza. Por exemplo: 8...0-0 9. cxd5 eexd5 10. Be2 Be6 11. 0-0 Cc6 12. b5 Ca5 13. Ta4! Dc7 14. Td4 com clara superioridade, Lombardy-Kotov, Mar del Plata, 1957 (AP).

Pode manter-se o bispo com 6...Ba5 7. dxc5 dxc4 8. Dxd8+ Rxd8 9. Bd2 Cbd7 10. Cg3 Cxc5 11. Bxc4 Bc7, Ivkov-Donner, Amsterdam, 1971, e agora as brancas deveriam ter continuado com Cb5 em vez de Td1, segundo o próprio Ivkov. Nesta partida, as brancas conseguiram uma pequena vantagem que não vieram a concretizar — o que em relação às pretas é positivo, no balanço teórico do sistema — mas apesar de tudo nota-se uma certa passividade das pretas, extremamente perigosa contra um jogador ambicioso, sujeita a melhores na condução das brancas, o que reduzirá os potenciais adeptos da parte contrária (JC).

7. Cxc3 cxd4 8. exd4

Artificial parece 8. Dxd4 Cc6 9. Dh4 dxc4 10. Bxc4, Fine-Reshevsky, 1951, pois a D ficará exposta a perder novos tempos para iludir a sua troca, enquanto se mantém encerrado o B de dama (JC).

8...dxc4

Inferior é 8...Cc6? ! 9. c5! 0-0 10. Bb5 e5 11. dxe5 cxe5 12. Db4 Bd7 13. 0-0 Bxb5 14. Cxb5 Cc6 15. Dd3, preparando-se para saltar sobre o Pd5, Hassin-Makarychev, URSS, 1976 (AP).

9. Bxc4 Cc6 10. Be3

As brancas podem tentar desfazer-se do peão isolado, jogando: 10. d5 exd5 11. Cxd5 Be6 12. Cxf6+ Dxf6, Sliwa-Tolush, Varsóvia, 1964, mas com isso não conseguem melhor do que igualar (AP).

10...0-0 11. 0-0 b6

Há que resolver o problema de desenvolvimento do bispo de dama das pretas, fechado pela sua própria estrutura de peões; sem dúvida que a saída agora aberta é a mais natural, até porque o bispo ficará a apontar sobre *d5*, um importante ponto de bloqueio para que possa resultar o mínimo ataque sobre o Pd4 das brancas.

12. Dd3

Preparando a saída da torre da dama para o sítio mais útil. As continuações a) 12. Ta1 Bb7 13. Ba2 Tc8 14. d5 exd5 15. Cxd5 h6 16. h3 Te8, Hort-Najdorf, Palma de Mallorca, 1969 ou b) 12. d5 Ca5 13. Ba2 exd5 14. Cxd5 Bb7, Panno-Najdorf, Palma de Mallorca, 1969, têm-se revelado infrutíferas para as brancas.

12...Bb7 13. Tad1 h6 (!? — AP).

O plano das negras consiste em bloquear o peão isolado de d4 mas a 13...Ce7? ! segue-se 14. Bg5? ! e se 14...Cg6? ! (parece melhor 14...Cfd5, mas não 14...Ced5? 15. Ce4!, seguido de 16. Bxd5 e 17. C (ou B) xf6 15. f4! h6 16. f5! exf5 17. Bxf6 Dxf6 18. Txf5 com clara vantagem, Botvinik-Tolush, Moscovo, 1965. Por isso, Tajmanov aconselha 13...Dd7 14. Bg5!? Cd5, mas as brancas obtiveram ligeira vantagem no desafio Mojseev-Hollis (corr. 1976), após 15. Cxd5! exd5 16. Ba2. O lance efectuado por Karpov é mais radical, ao controlar definitivamente a casa g5 (AP).

14. f3 (!? — AP)

Uma novidade! Com a ideia de vir a apoiar avanços de peões sobre o roque das pretas, fazendo actuar o bispo por várias casas desse sector, como se verificará no decurso da partida. No mais seriam a) Tfe1 Ce7 15. Bf4 Tc8 16. Be5 Cfd5 17. cb5 Ba6 18. a4, Petrossian-Olafsson, Jugoslávia, 1959 ou b) 14. Ba2 Ce7 15. Bc1 Ced5 16. Dg3 Cc7 17. Cxd5 Cxd5 18. Dg4 f5, Bogoljubov-Grunfeld, 1952, no primeiro caso com ligeira vantagem das brancas, e segundo uma situação de igualdade (JC).

Isto parece-me demasiadamente pouco elástico, por dificultar a passagem da dama ao flanco do rei. Numa partida Karasev-V. Ivanov, campeonato de Leninegrado, 1976, as brancas continuaram com 14. Tfe1 Ce7 15. Bf4!? Cfd5 16. Be5 cg6 17. Ce4! Cdf4? ! 18. De3 Cxg2!? 19. Rxg2 f5 20. Bxe6+ Rh7 21. d5 fxe4 22. Dxe4 Dg5+ 23. Dg4 Ch4+ 24. Rh3 Cf3 25. Te3 Cxe5 26. Dxg5 hxg5 27. Txe5 Txf2 28. Txg5, vindo a ganhar o final. Muito interessante é também o imediato 14. Ba2, para explorar a fraqueza provocada com 13...h6, como num encontro Popov-Kajumov, URSS, 1977: 14. Ba2 Ce7 15. Tfe1 Dd6 16. Be1 Tfd8 17. Dh3! Cg6 18. f3 Cd5 19. Bb1 Cxc3 20. Bxc3 e5 21. Bxg6 22. Dxg4 exd4 23. Txd4, com vantagem (AP).

14...Ce7 15. Bf2 Cfd5 16. Ba2 Cf4 17. Dd2 Cfg6 18. Bb1 Dd7 19. h4

E o plano explica-se por si! O bispo de dama das brancas, após uma manobra de aparência modesta, está optimamente colocado para servir simultaneamente de ataque e de defesa. Para já, a ameaça é h5 seguido de Dc2 com graves problemas para a segurança do rei das pretas (JC).

19...Tfd8 20. h5 Cf8 21. Bh4 f6

Uma debilidade na estrutura de peões das pretas, só possível devido à oportuna colocação do cavalo em *f8* e ao facto de se manter controlado o ponto *d5*, eixo por onde rodará o jogo nos próximos lances.

22. Ce4 Cd5 23. g4 (! — AP)

Depois de provocar fraquezas suplementares na ala de rei inimiga, Korchnoi deixa latente um ataque "à baioneta", tentando explorar a falta do bispo de rei negro (AP).

23...Tac8

Por curiosidade anotamos que esta é a primeira vez que A. Karpov movimenta a sua torre de dama, nas três primeiras partidas em que conduziu as pretas neste "match" (JC).

24. Bg3

Uma nova missão para o bispo... a diagonal *h2-b8* com vários pontos sensíveis.

24...Ba6 25. Tfe1 Tc6 26. Tc1 Ce7 27. Txc6 Dxc6 (? — AP)

Creio que o correcto seria 27...Cxc6! 28. Cd6 De7! (28...Ce7 29. Ba2, transpõe para a partida, e é nitidamente mau 28...Cxd4? ? 29. Dxd4 e5 30. Dd5+, e não há forma de recuperar a figura) e parece que as brancas não têm melhor que o empate por repetição, com 29. Cf5 (29. d5? Txd6!) Dd7 30. Cd6, etc. (AP).

28. Ba2

Sobre a debilidade *e6*, o que já terá impossibilitado 27...Cxc6, devido a 28. Cd6 com a ameaça d5 e entradas de dama na vulnerável diagonal *a2-g8* (JC).

28...Dd7 29. Cd6 Bd7 30. Cxb7 Dxb7 31. De3 Rh8 32. Tc1 Cd5 33. De4

As brancas têm o domínio, das operações; para já, devido à actual pregagem do C, as brancas ameaçam infiltrar a sua T na sétima (JC).

33...Dd7 34. Bb1 Db5 35. b4

Se 35. Bd6? , não 35...Txd6? ? Tc8, mas 35...f5! Depois da jogada do texto, talvez Karpov pudesse ensaiar 35...a5!? (AP).

35...Dd7 36. Dd3 De7 37. Rf2 f5 (!? — AP)

Para não ficarem numa posição passiva, as pretas tentam libertar-se do seu atrasado peão de rei, aproveitando para criarem eventuais entradas sobre o rei branco. É de supor-se que ambos estariam em melindrosa situação de tempo (relógio), pelo que toda a oportunidade de contra-jogo, obrigando o adversário a cuidar da sua própria defesa, é sempre valiosa (JC).

Com o adiamento à vista, as brancas não mostram pressa nenhuma em concretizar a sua vantagem, e o campeão do mundo, explorando talvez os apuros de tempo do seu rival, decide-se a complicar as coisas (AP).

38. gxf5 exf5 39. Te1

Péssimo seria 39. Dxf5? ? De3+ e as pretas ganhariam (JC).

39...Df6 40. Be5 Dh4+ 41. Bg3 Df6 42. Th1

Para evitar-se novo cheque em *h4* e assim vir a libertar-se ou apoiar-se o B de casas pretas para entradas em *e5* ou *h4*, ambas de consequências visíveis. O lance secreto coube a Karpov; para além das referidas ameaças, mais tarde ou mais cedo o Pf5 pode ficar desamparado — por enquanto ainda existe a defesa indirecta de Dxd4+ e Ce3+ como resposta — mas após o afastamento da D preta, aquele P será uma verdadeira fraqueza (JC).

42...Ch7 43. Be5 Dg5 44. Dxf5 Dd2+ 45. Rg3 Chf6

Uma vez que era inevitável a queda do Pf5, as negras preparam-se para conseguir em troca o máximo contra-jogo possível (AP).

46. Tg1 Te8 47. Be4 Ce7 48. Dh3 Tc8 49. Rh4 Tc1 50. Dg3 Txg1 51. Dxg1 Rg8 52. Dg3 Rf7 53. Bg6+ Re6? ?

Isto permite um mate fulminante que Korchnoi não concretiza (AP).

54. Dh3+ Rd5 55. Be4+? ?

O mate surge após 55. Bf7+ Rc6 56. De6+ Rb5 (56...Rb7 57. Dxe7+ com mate rápido) 57. Dc4+ Ra4 58. Da6++, Korchnoi não acerta com esta continuação (AP).

55...Cxe4 56. fxe4+ Rxe4 57. Dg4+ Rd3 58. Df3+ De3?

Há realmente coisas incríveis neste 1º adiamento! A troca das damas favorece as brancas e parece não haver mal com 58...Rc2 (AP).

59. Rg4! Dxf3+ 60. Rxf3 g6! 61. Bd6 Cf5 62. Rf4! Ch4

Se 62...Cxd6 63. hxg6 e o C é impotente para deter os dois peões passados (AP).

63. Rg4 gxh5+ 64. Rxh4 Rxd4 65. Bb8 a5 66. Bd6 Rc4 67. Rxh5 a4 68. Rxh6 Rb3 69. b5 Rc4 70. Rg5 Rxb5

Esta posição, sem os dois peões negros, está teoricamente empatada, uma vez que é impossível desalojar o R negro do canto *(a8)*, a existência dos referidos peões dá uma chance às brancas que consiste em afogar o R preto, obrigando Karpov a jogar b6-b5-b4 e, após axb4, o jogo estaria ganho para as brancas (FS).

71. Rf5 Ra6 72. Re6 Ra7 73. Rd7 Rb7 74. Be7 Ra7 75. Rc7 Ra8 76. Bd6 Ra7

Mas nunca 76...b5? ? 77. Rb6! forçando 77...b4 78. axb4 (AP).

77. Rc8 Ra6 78. Rb8 b5 79. Bb4 Rb6 80. Rc8

As brancas conseguiram forçar um primeiro avanço do peão, mas a troco de libertarem o rei da zona perigosa. Paradoxalmente, existindo os dois peões negros, o monarca deve abandonar quanto antes a sua posição defensiva. Se por exemplo 80...Ra6 81. Rc7 Ra7 82. Bc5, seguido de 83. Bb6 e as pretas ficam em falso afogado, sendo compelidas a fazer 83...b4 e o peão branco passa a ser de cavalo (AP).

80...Rc6 81. Rd8 Rd5 82. Re7 Re5 83. Rf7 Rd5 84. Rf6 Rd4 85. Re6 Re4 86. Bf8 Rd4 87. Rd6 Re4 88. Bg7 Rf4 89. Re6 Rf3 90. Re5 Rg4 91. Bf6 Rh5

E nesta posição a partida volta a ser interrompida. Segundo um conhecido estudo de Yurl Averbach, as brancas não podem forçar a vitória, perante uma defesa correcta (AP).

92. Rf5

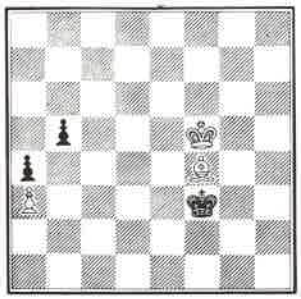
Este o lance secreto de Korchnoi. Os dois jogadores e respectivas equipas de analistas decerto passaram horas intermináveis, uns esperando e outros receando encontrar alguma refutação para as análises de Averbach (AP).

92...Rh6 93. Bd4 Rh7 94. Rf6 Rh6

Enquanto existirem os dois peões pretos, estes não podem deixar que o seu R fique preso; isto teria podido acontecer com 94...Rh8? ? 95. Rg6+ (descoberto) Rg8 96. Bg7 e agora as pretas seriam forçadas a 96...b4 perdendo após 97. axb4 a3 98. b5 a2 99. b6 a1=D 100. Bxa1 Rf8 101. b7 (JC).

95. Be3+ Rh5 96. Rf5 Rh4 97. Bd2 Rg3 98. Bg5 Rf3 99. Bf4

Esta posição estaria ganha no caso de as pretas já terem perdido o seu Pb5. É uma posição clássica estudada por Ling e Hornitz (1851) e mais tarde por Berger (1921), mas só Ranzer (1921) descobriu que as brancas ganhariam sempre, independentemente de quem jogasse, o que nesta matemática das finais tem muita importância. Verifiquemos o facto, resumidamente.



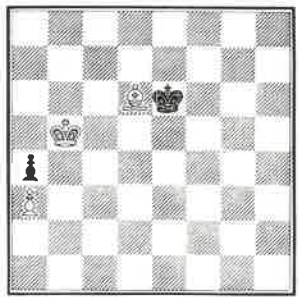
1...Rg2 2. Rg4 Rf2 3. Bc1 Re2 4. Rf4 e agora há três alternativas a considerar: a) 4...Rf2 5. Be3+ Rg2 6. Rg4 Rh2 7. Bf4+ Rg2 8. Bg3 Rg1 9. Rf3 Rh1 10. Bb8 Rg1 e como as pretas não têm espaço para fazer um movimento envolvente pelo lado direito: 11. Re3 Rg2 12. Rd3 Rf3 13. Rc4 Re4 14. Rb5 Rd5 15. Bh2 Rd4 16. Rxa4 Rc5 17. Ra5 Rc6 18. Ra6 e agora para 18...Rd7 19. Rb7 e para 18...Rd5 19. a4; b) 4...Rd3 5. Be3 Rc4 6. Re5 Rb3 7. Bc5 Rc4 8. Rd6 Rb5 9. Rd5 Ra5 10. Rc6 Ra6 11. Bg1 Ra5 12. Rb7 Rb5 13. Bb6 Rc4 14. Rc6 Rb3 15. Bc5 Rc4 16. Bd6 Rd4 17. Rb5 Rd5 18. Bh2 Re6 19. Rxa4 Rd7 20. Rb5 Rc8 21. Rc6 e o R das pretas já não pode impedir o avanço do peão livre; c) 4...Rd1 5. Be3 Rc2 6. Re5 Rb3 7. Bc5 Rc4 8. Rd6 Rb3 9. Rc6 Rc4 10. Bd6 atingindo-se uma posição desenvolvida na alínea anterior. Mas como o peão *b* continua a existir, as brancas já não têm melhor solução do que ir apoderar-se dele, fazendo um último esforço para ganhar; isto não será possível, pois com o tempo gasto a ir tomar o peão, as brancas proporcionam às pretas a possibilidade de reassumirem com o seu rei uma posição teórica de empate (JC).

99...Rg2 100. Bd6 Rf3 101. Bh2 Rg2 102. Bc7 Rf3 103. Bd6 Re3 104. Re5 Rf3 105. Rd5 Rg4 106. Rc5 Rf5 107. Rxb5

As brancas conseguiram capturar este peão sem permitir que o monarca inimigo se refugiasse em *a8*, mas ele encontra-se seguro, dentro da zona de empate já indicada por Averbach e que é delineada pelos escapes a7, b6, c5, e5, f4, g5, h6. As manobras seguintes de Korchnoi serão uma vã tentativa de deslocar o rei preto desta área (AP).

107...Re6

O bispo está atacado e as brancas terão de o defender. Após 108. Rxa5 Rxd6 109. Rb5 Rc7 110. Ra6 Rb8 111. Rb6 Ra8 112. a4 Rb6 113. a5 Ra8 114. Rb8 a6 115. Ra8 a7 o rei preto ficaria igualmente afogado.



A partir deste momento, desde que o rei das pretas se conserve próximo do rei das brancas, sem se deixar expulsar de toda a zona assinalada — que é muito fácil de fixar, pois afinal é o conjunto de casas laterais ou por detrás do peão preto, exceptuando-se aquelas em que bispo e rei adversário poderiam criar uma barreira; e naturalmente os pontos "maus" das primeiras linhas são todos de casas brancas, diferentes da acção do bispo existente — as pretas nada devem temer, vem o afogamento do seu rei, pois já não têm peões móveis.

É claro que se o peão das brancas ainda estivesse em *a2* isso seria outra história...pois mais tarde ou mais cedo as pretas seriam forçadas a avançar o seu peão ficando à mercê do bispo branco, o que já seria suficiente para a vitória (processo descoberto em 1928 por V. Rauzer, melhorando as indicações de R. Teichmann, datadas de 1900) (JC).

108. Rc6 Rf6 109. Rd7 Rf7 110. Be7 Rg8 111. Re6 Rg7 112. Bc5 Rg8 113. Rf6 Rh7 114. Rf7 Rh8 115. Bd4+ Rh7 116. Bb2 Rh6 117. Rg8 Rg6 118. Bg7

As brancas tentam que o rei das pretas saia da "zona de empate", para terem tempo de se lançarem à conquista de *"a5"*, mas isso pode ser evitado e é o que acontece (JC).

118...Rf5 119. Rf7 Rg5 120. Bb2 Rh6 121. Bc1+ Rh7 122. Bd2 Rh8 123. Bc3+ Rh7 124. Bg7 1/2-1/2

Pela inutilidade de continuar é o próprio Korchnoi que força o empate afogando o rei de Karpov (JC).

Curiosamente, a posição final estaria ganha para as brancas se ainda existisse o peão B5, pois era agora forçado 124...b4 125. axb4 etc. (AP).

A mais longa partida em campeonatos do mundo e a primeira que regista um afogado. Dois recordes no mesmo dia.

A. KARPOV — V. KORCHNOI

6ª PARTIDA

Inglesa

1. c4 e5 2. Cc3 Cf6 3. Cf3 Cc6 4. g3 Bb4

Um dos mais sólidos e frequentes esquemas defensivos contra a abertura inglesa, que costuma ser a preferida de Korchnoi (AP).

Tantas são as opções de valor semelhante, em esquemas deste género quando as figuras se antecipam aos comprometedores lances de peões, que a sua apreciação pode limitar-se a dois princípios básicos: a harmonia com que servem a posição e o estilo que melhor se adapte a cada jogador (JC).

5. Bg2

Nas eliminatórias do Torneio de Candidatos, no seu "match" contra Petrossian, Itália, 1977, V. Korchnoi preferiu 5. Cd5 Bc5 6. d3 h6 7. Bg2 d6 8. 0-0 0-0 9. e3 a5 não alcançando melhor do que uma igualdade teórica (JC).

5...0-0 6. 0-0 e4 7. Ce1 Bxc3 8. dxc3

Considera-se mais ambicioso 8. bxc3 com a ideia de d3, mas por isso mesmo os seus resultados práticos são variáveis (JC).

8...h6

Para dificultar o desenvolvimento do bispo de dama das brancas, em parte já limitado pelos seus próprios peões (JC).

Considerado necessário. Após o imediato 8...Te8 as brancas ganharam vantagem no encontro Uhlmann-Reshevsky, Skopje, 1976 com 9. Bg5! h6? ! (melhor 9...d6) 10. Bxf6 Dxf6 11. Cc2 d6 12. Ce3 Te5 13. Db3! e a falta do Cf6 veio a revelar-se decisiva, devido ao desencontro de *d5* (AP).

9. Cc2 Te8

Curiosamente, os dois xadrezistas já tinham jogado entre si esta posição, no "match" de Moscovo, 1974, mas conduzindo Korchnoi as peças brancas. Karpov seguiu aqui com 9...b6 e não conseguiu equilibrar completamente, embora a partida terminasse empatada (AP). A partida prosseguiu 10. Ce3 Bb7 11. Cd5 Ce5 12. b3 Te8 13. a4 d6 14. Ta2 (melhor seria: 14. f4! segundo Botvinnik) Ced7 15. h3? ! a5 16. Be3 Cxd5 17. cxd5 Df6 18. c4 Dg6 19. Db1 Bc8 20. Bd4 com igualdade (JC).

10. Ce3 d6 11. Dc2

As brancas iniciam o ataque ao Pe4, enfraquecido por demasiado avançado. É inconsistente 11. Cd5 Bf5, mas há que ter em conta 11. f4!? (AP).

11...a5

Antecipando-se ao natural assalto de peões neste flanco (JC).

A primeira escolha difícil. As alternativas são: 11...Te5 12. Td1! (mais forte que 12. Bd2 Bd7 13. f4 exf3 14. exf3 Dc8 15. Tfe1 Te8 16. Cd5 Cxd5 17. Txe8+ Dxe8 18. cxd5 Ce5, com igualdade. Polugajevsky Savon, Interzonal de Petrópolis, 1973) Be6? ! 13. f4 exf3 14. exf3 Th5 15. Df2 Bd7 16. f4! e as brancas estão em nítida superioridade, Hardicsay-Peev, Olomouc, 1976, e 11...bc 12. bc 15!? (a considerar também 12...Bb7 13. Bb2 Ce5 14. h3!?) 13. Bb2 (talvez valha a pena experimentar 13. a4!?) Bd7 14. Tad1 a4!? 15. Bc1 axb3 16. axb3 Ta5 17. Cd5 Bf5 (Savon-Vaganjan, Campeonato da URSS, 1974) e as brancas podem manter uma leve vantagem com 18. Bf4 (AP).

12. a4

Korchnoi, conduzindo de brancas esta mesma posição contra Mecking (9ª partida do "match" de Augusta, 1974) preferiria 12. Td1 b6 13. b3 Tb8 14. a4 Ce5 15. Cd5 Cxd 16. cxd5 f5 17. c4 com jogo microscopicamente melhor (AP).

12...De7 13. Cd5 Cxd5 14. cxd5 Cb8

Ao antecipar a troca de cavalos, Karpov obrigou o Cc6 a voltar à estrebaria (AP). Não há mal em retirar o C para a sua casa de origem, pois, dada a estrutura de peões existente, ele deve voltar ali para ter melhores saídas, e isto não se pode considerar uma perca de tempo devido ao carácter fechado da posição (JC).

15. Be3

Talvez tenha mais hipóteses de vingar um plano à base de c4, b3 e Bb2 (AP).

15...Bf5 16. h3

Para evitar-se a ameaça de Dd7 e logo Bh3 com eventual troca de bispos (JC).

16...Cd7 17. c4 b6

Há que reforçar o ponto *c5* para evitar debilidades naquele sector e ganho de espaço às brancas (JC).

18. Dc3 Cc5 19. b3

As pretas preparavam Dd7 atacando simultaneamente dois peões em flancos opostos, o que obrigaria a g4, debilitando-se o roque desnecessariamente (JC).

19...Dd7 20. Rh2 Te7 21. Bd4 f6 22. Tfc1

Desistindo de quaisquer planos à base de f2-f4, que dificilmente poderiam conduzir a alguma coisa. Em contrapartida, pode ser interessante o reagrupamento no flanco da dama: 22. Ta2 De8! 23. Tfa1 Bd7 24. Dc2 Rh8 (não deve haver melhor do que esperar) 25. Db1 Ca6 26. h4!? Rh7 27. Be3 Rh8 (27...Cc5 28. b4!? e agora: 28...Cb7 29. c5!; 28...Cxa4 29. Txa4! Bxa4 30. b5 Bxb5 31. axb5, para seguir com 31. Bh3; 28...axb4 29. a5 b3 30. Ta3 bxa5 31. Bxc5 dxc5 32. Dxb3! a4 33. De3; 28...Ca6!? , ou também 28. Bd2) 28. Bd2 Cc5 29. b4!? (29...Cxa4 30. axb4 Cxa5 bxa5 31. Dc2) 30. a5 b3 31. Ta3 bxa5 32. Bxa5 Dc8 33. Bd4, e as brancas mantêm a iniciativa.

Evidentemente, é muito provável que as negras tenham formas de combater este plano; de qualquer modo, talvez valesse a pena experimentar...(AP)

22...De8 23. De3 1/2-1/2

A. KARPOV – V. KORCHNOI
6ª partida
Inglesa

V. KORCHNOI – A. KARPOV
7ª PARTIDA
Nimzoíndia

1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. Cc3 Bb4 4. e3 0-0

Na 3ª e 5ª partidas deste "match" A. Karpov deu a sua preferência a 4...c5 directamente, mas, perante a linha 5. Cge2 já experimentou 5...cxd4 6. exd4 d5 7. c5 Ce4 e a alternativa 5...d5 6. a3 Bxc3+ 7. Cxc3 cxd4 8. exd4 dxc4 9. Bxc4 Cc6 e em ambas passou grandes dificuldades defensivas (JC).

5. Bd3 c5 6. d5

Muito embora seja prematuro um comentário numa fase tão embrionária do jogo, o facto é que este lance parece mau e não vem nos tratados de aberturas que possuímos. Fomos, portanto, levados a supor que Korchnoi, ante a passividade do seu adversário nas anteriores partidas, tenha procurado um lance que provocasse o desequilíbrio, convencendo-se que Karpov continuaria impassível. Julgamos todavia que Korchnoi arriscou demasiado com esse lance, que certamente apareceu de improviso, sem a necessária preparação "caseira". Seja como for, Karpov deixou a sonolência, sacudiu o jogo por intermédio de 6...b5, caindo nos caminhos do gambito Blumenfeld, com a vantagem de possuir o B em b4, portanto com muito mais actividade que no referido gambito. Korchnoi viu-se sem movimentos, metido como que entre os tentáculos de um polvo e não conseguiu abrir jogo para as peças (EM).

Uma recomendação do falecido Paul Keres (1916-1975) nas anotações que fez a uma partida jogada com o próprio Karpov, San Antonio, 1972. Normal seria, por exemplo 6. Cf3; este lance pode constituir uma novidade, ainda que fosse conhecido em posições semelhantes, como a obtida pelo seguinte desenvolvimento: 1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. Cc3 Bb4 4. e3 0-0 5. cf3 (eis a diferença, o desenvolvimento anterior deste cavalo pelo bispo de rei) c5 6. d5!? b5!? 7. dxe6 fxe6 8. cxb5 a6 9. a3!? axb5 10. Bd2 Bxc3 11. Bxc3 Ce4!? (Hort aconselhou 11...Db6 12. b4 com situação complicada) 12. Bxb5 Cxc3 13. bxc3 Da5 14. Db3!, partida Hort-Geller, Wijk aan Zee, 1975, em que as brancas chegaram a obter substancial vantagem que erros posteriores anularam (JC).

6...b5

Uma típica reacção de flanco, pondo em causa o avanço central das brancas. Em caso do duvidoso 6...exd5 7. cxd5, é claro que nunca se poderia ganhar o peão com 7...Cxd5? devido a 8. Bxd7+ Rxh7 9. Dxd5 com vantagem branca (JC).

Inferior parece 6...cxd5 7. cxd5 Cxd5 8. Bxd7+ Rxh7 9. Dxd5 (LS).

7. dxe6 fxe6 8. cxb5 Bb7

Obrigadas a uma defesa activa as pretas não se fazem rogadas... sabem que um bom centro e a iniciativa compensam a posse provisória de um peão lateral (JC).

9. Cf3 d5

Nada disto pode ter constituído surpresa absoluta; o tratamento da posição segue estereotipada e a sugestão de Keres – ainda que de passageiro humor – terá sido, a seu tempo, bem ponderada por ambos para terem concluído razões que afinal são as raízes desta partida (JC).

10. 0-0 Cbd7 11. Ce2

Isto sim, marca um plano original; as brancas jogam sobre uma das zonas (aparentemente) fortes das pretas, atacando no flanco de rei e no próprio centro onde *e6* apareceu como sensível, limitando provisoriamente a assistentes o consagrado par de bispos das pretas (JC).

11...De8

É difícil adivinhar-se nesta posição qual dos dois jogadores terá chegado mais longe nos seus cálculos... Pretenderia Karpov sacrificar a qualidade ou perdeu-a? Ou estariam ambos seguros do seu cálculo de lances, mas com avaliações distintas? Creio que só os próprios jogadores podem responder a estas questões... tudo o resto não passam de especulações "post-mortem" de carpideiros-analistas! (JC).

12. Cg3 e5 13. Bf5 g6 14. Bh3

V. KORCHNOI – A. KARPOV
7ª partida
Nimzoíndia

O leitor que nos perdoe mas esta posição é das mais divertidas que já vimos em jogos do Campeonato do Mundo; pelo absurdo da colocação de variadíssimas peças, e no fundo, com tanta lógica que o próprio ridículo roça o genial (JC). 14...a6 (!LS) 15. Cg5 (!LS)

Único lance para justificar a colocação original do bispo (LS).

Depois de 15. bxa6 Txa6 dominando por completo o tabuleiro (EM).

15...axb5 (!LS) 16. Ce6 c4 17. Bd2 Bc5 18. Cc7

Escolhendo a torre de dama para que as pretas não possam optar pela colocação do seu bispo em *g7* via *f8*, onde certamente exerceria um forte papel (JC).

18...De7 19. Cxa8 Txa8 20. a3 Cb6 21. Dc2 Bc8

Karpov continua com o plano de eliminar as peças adversárias, garantindo assim maior eficiência ao avanço dos seus peões (EM).

22. Bxc8 Txc8 23. Ba5 Cbd7 24. Dd2 Bd6 25. Bb4 Cc5 26. Bxc5

É lamentável trocar tão útil bispo mas não se vê outra forma de evitar as entradas de cavalo (JC).

26...Bxc5 27. Rh1

Para responder a 27...d4 com 28. exd4 29. f4 reagindo (EM).

27...Dd6 28. Tad1 Rh8 29. Dc2 De6 30. Ce2 Dc6 31. h3 Te8 32. b4

É difícil dizer o que deveriam jogar as brancas, mas este lance deixa perigosamente passado o Pc4 (EM).

Um erro grave, entre outros de menores proporções e talvez até de ambas as partes, mas cujas rectificações não estão ao alcance de jogadores abaixo da sua craveira, derrotando impaciência ou apuros de tempo. Se a posição não se pudesse ganhar... talvez ainda se pudesse defender, mas contra dois peões passados, não há "qualidades" que resistam (JC).

32...Bd6 33. Db2 Rg8 34. Tfe1 Rf7 35. Dc2 d4

Aí estão! E como a melhor defesa é o ataque... (JC).

36. Cg3 Td8 37. exd4 exd4 38. Dd2 d3 39. Dh6 c3 40. Ce4

V. KORCHNOI – A. KARPOV
7ª partida

Um sacrifício obrigatório, ameaçando de passagem Cg5+ e Te7 (se possível) com contra-ataque de mate, e para desviar a figura que impede a entrada de Dama em xeque.

40...Cxe4

Na posição do diagrama existe uma possibilidade oculta, mencionada por Álvaro Pereira, que consiste em : 40...c2! 41. Tc1 Dxe4!! 42. Txe4 d2 43. Tee1 d1=D 44. Tcxd1 cxd1=D 45. Txd1 Txd1 + 46. Rh2 Bxf2 com final tecnicamente ganho. Mais tarde, o MI Joaquim Duraão descobriu: 40...c2 41. Cxf6! cxd1=D 42. Dxh7+ Rxf6 43. De7+ Rf5 44. De5++! o que parece demolir a variante anterior. Mas, após 41. Cxf6! o correcto parece ser 41...Dxf6 42. Dxh7+ Rf8 e agora: a) 43. Txd3 Txd3 44. Dh6+ Dg7 (e não 44...Rg8 45. Te8+ Rf7 46. Df8++) 45. Te8+ Rxe8 46. Dxg7 c1=D+ etc., b) 43. Dh6+ Dg7 44. Dxg7+ Rxg7 45. Td2 Te8! 46. Tc1 Bc7 (! A. Pereira) 47. Txd3 Bf4! 48. Txc2 Te1++, c) 43. Td2 Te8! 44. Dh6+ Rf7 45. Dh7+ Dg7 com boas hipóteses de ganho. Não é viável 46. Dxg7+ Rxg7 47. Txe8 devido a 47...c1=D+ etc. (FS).

41. Dxh7+ Rf8 42. Dh8+ (s) 1/2-1/2

Depois de 42. Dh8+ Rf7 43. Dh7+ Rf6 44. Dh4+! Re5 (44...Cg5 45. f4!; 44...Rg7 45. Txe4 ce? 46. Te7 Rf8 47. Tde!) 45. f3 Td4 46. Txd3! c2 (4b... Txd3? 47. Txe4+ Rd5 48. Dg5+ Rd6 49. De7+ Rd5 50. De5++) 47. De7+ De6 (47...Rd5 48. Dxe4+) 48. Txe4+ Txe4 49. Dg5+ Df5 50. De7+ Rf4 51. Dh4+ com cheque perpétuo... pelo menos! (LS).

Na opinião dos GM Robert Byrne e Miguel Najdorf, Karpov deveria ganhar facilmente no adiamento. Contudo ofereceu o empate sem recomeçar a partida. Yacob Murei, um dos segundos de Korchnoi teria descoberto um Rg1, lance salvador, no dia do seu 38º aniversário, lance que a equipa do campeão mundial também teria considerado.

KARPOV – KORCHNOI
8ª PARTIDA
Espanhola

1. e4 c5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Cxe4 6. d4 b5 7. Bb3 d5

Não convém 7...exd4 8. Te1 d5 9. Cg5 com forte ataque sobre o rei negro ainda no centro do tabuleiro (FS).

8. Dxe5 Be6 9. Cbd2 (! – LS)

Aqui é muito mais vulgar 9. c3. Atinge o ponto importante *d4* e dá saída ao Bb3 que em *c2* ocupa uma boa casa. Karpov não se importa nada com a sorte do seu bispo de rei (quando atacado por Cc5) e joga imediatamente o cavalo de dama (VS). Uma ideia do Dr. Ossip Samilovitch Bernstein (1882-1962), GM de xadrez (1950) e um ilustre jurisconsulto (direito internacional), de origem ucraniana e naturalizado francês (JC), que em tempos idos chegou a visitar Portugal (VS). As brancas pretendem apossar-se do ponto *c5* no caso das pretas lhe eliminarem o "bispo espanhol" (JC). Este lance deixa de se jogar por volta de 1920! Mas, recentemente o GM Kuzmin aplicou-o com êxito, num campeonato da I Liga soviética. Kuzmin, jogador da idade de Karpov, venceu esse torneio e o lance 9. Cbd2 foi então analisado numa das mais importantes revistas russas da modalidade, sendo considerado bom pelo GM Tajmanov. O ponto de exclamação deve-se, no meu ponto de vista, mais à acertada escolha do que propriamente ao valor do lance (LS).

9...Cc5 10. c3 g6 (? ! — LS; !? — AP)

O candidato evita a linha 10...d4 11. cxd4 13. Bxe6 Cxe6 14. Df3 Td8 15. a4 (15. Dc6+ Dd7 16. Dxa6 Bb4 17. Cf3 Dd5 18. Da7 c5 com compensação... segundo Korchnoi) Bd4! (inferior é 15...Dd5 16. Dxd5 Txd5 17. axb5 axb5 18. Ta8+ Cd8 19. Ce4! Txe5 20. Td1 Be7 21. f3 Tf5 22. Tc8 e as negras tiveram de "sofrer" cem lances, antes de empatarem, Lasker-Capablanca, S. Petersburgo, 1914) 16. axb5 axb5 17. Dc6+ Dd7 18. Dxd7+ Txd7, que ele próprio na "Enciclopédia" considera de igualdade, com base numa análise de Nenakarov. Simples receio, ou segura consciência de que as brancas podem melhorar a variante? A segunda hipótese é a mais provável, devendo cimentar-se na sugestão de Kuzmin 11. Bxe6! Cxe6 12. Cb3 dxc3 13. Dc2! Talvez pelo mesmo motivo Beljavsky jogou, contra o mesmo Kuzmin (Baku, 1977) 10...Cxb3 11. Cxb3 Be7 12. Cfd4! Cxe5 13. Te1 Cg6 14. Cxe6 após o que sofreu um ataque fulminante: 15. Cd4! Cf8 16. Dg4! h5 17. Dxg7 Bf6 18. Dg3 Dd7 19. Bf4 0-0-0 20. a4! c5 21. Be5 h4 22. Df4 Bxe5 23. Dxe5 Th6 24. axb5 1:0

Depois de 9. c3, Korchnoi considera 9...g6!? interessante; mas nesta posição este lance é novo e parece-me duvidosa. Lareen recomenda 10...Bg4 11. Bc2 Be7 12. Te1 d4 13. Cb3 d3 14. Bb1 Cxb3 15. axb3 Bf5 16. Be3 0-0! (LS).

Ao que parece uma inovação. A ideia é atacar o Pe5 com Bg7 seguido de Cd7. Karpov vai encontrar uma receita eficaz para combater este sistema (FS).

11. De2 (! — FS)

As brancas não têm que se preocupar com o seu Bb3, pois a partir do momento em que as pretas aliviam duas diagonais ao seu bispo de rei (*a3-f8* e *h6-f8*) é natural que logo que este se desloque para *g7* deixe muito débil a casa *c5*, após o eventual Cc5xb3, que noutras linhas seria aceitável (JC). Obviamente melhor que 11. Cd4 Dd7 com jogo confuso (Korchnoi), Kashdan-Ulvestad, EUA 1946 (LS).

11...Bg7 12. Cd4 (!! — FS)

Brilhante sacrifício de peão que coloca as negras perante sérios problemas. Estas estão forçadas a aceitar o presente envenenado, uma vez que 12...Cxd4 13. cxd4 coloca o Pc7 atrasado em coluna aberta (FS).

12...Cxe5

Deve ser preferível o recuo 12...Ce7 com ideia de responder a 13. f4 com 13...0-0 (AP).

13. f4 Cc4

Não há melhor. 13...Bg4 14. C2f3 ganha o Ce5. 13...Cd7 14. Bxd5 e no caso de 13...Cg4 14. f5 gxf5 15. cxf5 ganha uma figura (FS).

14. f5 (! — AP) **gxf5**

Forçado para não perder o bispo pregado. Se 14...Bxd4+ 15. exd4 ganha uma peça (LS).

15. Cxf5 Tg8

A defesa mais activa. Mas Karpov encontra a melhor continuação de ataque (FS).

16. Cxc4 (! — FS)

Uma opção que levou cerca de meia-hora. Havia outras como Cxg7+ e Bc4 (VS) ou Cf3 (LS).

16...dxc4

Mas para retomar esta figura V. Korchnoi ponderou meia-hora, quase tanto como Karpov antes da última troca, certamente para estabelecer um plano geral e não propriamente pelo lance em si (JC).

17. Bc2 Cd3

Outra hipótese seria 17...Dd5 (LS).

18. Bh6 (!! — FS)

Uma cartada que saiu certa. Korchnoi devia, apesar de tudo, tomar este perigosíssimo bispo (opinião de Najdorf, entre muitos outros), mas prefere recuar. De resto, parece já não haver salvação... sobretudo se as brancas forem conduzidas pelo implacável e "certinho" Anatoly (VS).

Talvez o lance mais difícil da partida. Karpov, com esta troca de bispos, pretende atacar pelas casas negras, de que o Bg7 é defensor. Uma jogada em que está vincado o estilo simples e eficaz do campeão mundial (FS).

Agarrando o touro pelos cornos! **(LS).**

18...Bf8

Se 18...Bxh6 19. Cxh6 Tg7 20. Txf7? ! Dd5! as negras salvaram-se, mas 20. Tad1! e agora se 20...Dg6 então sim 21. Cxf7 etc... (LS).

Falha 18...Bxh6 por 19. Cxh6 Tf8 20. Cxf7! De7 (20...Txf7 21. Dxe6+ Te7 22. Dx6+ Td7 23. Bxd3 cxd3 24. Tae1+) 21. Cg5! Txf1+ (21...Cxf4 22. Txf4! Txf4 23. Cxe6, ameaçando a torre e 24. Cxc7+) 22. Txf1 Dxg5 23. Dxe6+ De7 24. Dc6+ (AP).

Apontado pelos especialistas como o erro decisivo. Dada uma análise que fiz não acredito nesta hipótese. Se 18...Bxh6 19. Cxh6 Tg7 (única para impedir Txf7) 20. Txf7!! (de todos os modos) Txf7 21. Dxe6+ Te7 (se 21...De7 22. Dc6+ seguido de Dxa8 e Cxf7) 22. Dc6+ Td7 (e não 22...Rf8 23. Tf1+ Rg7 24. Df6++) 23. Tf1!! e as negras estão perdidas. Podia seguir-se 23...Cg5 24. De6+ Te7 25. Tf8+!! Rxf8 26. Dg8++ (FS).

19. Tad1 Dd5

Tendo em vista o grande-roque (FS).

20. Bxd3 cxd3 21. Txd3 Dc6 (? ! — AP)

Parece melhor 21...Dc5+ (AP).

Depois de 21...Dxa2? ? 22. De4 ganharia rapidamente (JC).

Agora em posição perdida, Korchnoi é massacrado (LS).

22. Bxf8 (! — LS) **Db6+**

Este xeque é necessário. Se na 22...Rxf8 23. Cd4 Db6 24. Dxe6 ganha material (FS). Ou se 23...Bg4 24. Dxg4 Txg4 25. Cxc6 ganhando figura (JC).

23. Rh1

Se 23. Cd4 Tf8 (FS).

23...Rxf8 24. Df3 (! — FS) **Te8**

Ainda que este lance possa parecer uma indecisão a verdade é que nesta situação todos têm os seus defeitos irremediáveis.

25. Ch6

Agora é claro o sentido do lance 18 das brancas. A jogada das negras é forçada uma vez que Karpov ameaça 26. Dxf7+ Bxf7 27. Txf7++ (FS).

25. Tg7

A. KARPOV — V. KORCHNOI
8ª partida

26. Td7 (!! — AP, FS; ! — LS, VS)

E porque não? Simplicidade e perfeição estão quase sempre ligadas (JC).

Bonito sacrifício de torre que é um remate condigno. Karpov, que já ameaçara mate com Df3, repete a graça agora com sacrifício da dama, por meio de 27. Txf7 Bxf7 28. Dxf7! Txf7 29. Txf7+. Se 26...Bxd7 o mate é o mesmo e mais rápido. Não serve 26...Te7 por causa de Txe7 e Dxf6+ (VS).

26...Tb8

Para dar uma casa ao rei mas... (FS)

27. Cxf7 (! — AP)

A catástrofe é total! (FS).

27...Bxd7

Korchnoi perde, mas de barriga cheia (LS).

Depois de 27...Re8 28. Ce5 Txd7 29. Df8++ por exemplo (JC)

28. Cd8+ 1:0

Um lance de problema (VS).

O mate é inevitável. 28...R joga 29. Df8++ ou 28. Bf5 (o desespero) 29. Dxf5+ Re7 30. Df8+ Rd7 31. Td1+ Dd6 (ou 31...Rc8 32. Df5+ Td7 33. Dxd7++) 32. Dxg7+ Rxd8 33. Df8+ Rd7 34. Txd6+ Cxd6 35. Dxb8 e as negras perderam toda a "família" (FS).

No início desta 8ª partida Karpov recusara-se a apertar a mão ao seu adversário, devido, segundo declarou, a todos as acusações e insultos proferidos contra si e a sua delegação. Karpov acusou o seu rival de "inventar histórias escandalosas" e classificou como "míticas" as acusações de Korchnoi segundo as quais um parapsicólogo soviético o hipnotizara para o fazer perder.

"Agora Viktor já não precisa de andar com sabão" replicou o GM inglês Raymond Keene, um dos segundos do candidato.

KORCHNOI — KARPOV
9ª PARTIDA
Gambito de Dama

1. c4 Cf6 2. Cc3 c6 3. Cf3 d5 4. d4 Be7 5. Bf4

Um bom lance se bem que pouco empregue em jogos de envergadura(FS). A sua principal ideia será a de iludir certo tipo de trocas desanuviadoras nesta fase do jogo (JC).

5...0-0

Em caso de 5...c5 6. dxc5 Ca6 7. c3 Cxc5 8. cxd5 9. Be2 0-0 10. 0-0 Be6 11. Be5 Tc8 12. Tc1 a6 13. h3 b5 14. Bd3? d4! ganhando-se uma qualidade (e mais tarde a partida) após 15. Bxd4 Cxd3 16. Dxd3 Bc4, Petrosjan-Spassky, 8ª Partida do "match", Moscovo, 1969, quando com o anterior 14. ,Cd4! — Geller — as brancas manteriam uma apreciável vantagem (JC).

6. e3 c5

Alternativas são 6...c6, 6...Cbd7, 6...e6 e 6...B6 (AP).

7. dxc5 Bxc5

Ou 7...Ccb 8. cxd5 exd5 9. Be2 Bxc5 10. 0-0 Be6 11. Tc1 Te8 12. a3 h6 13. Bg3 Bb6 14. Ce5 Cc7 15. Ca4 Ce4 16. Txc8 Bxc8 17. Cf3 Bd7 18. Cxb6! — Gligorić — mantendo-se leve vantagem para as brancas, em substituição de 18. Be5? Bxa4 19. Dxa4 Cc6, Fischer-Spassky, Reykjavík, 1972, 14ª Partida, que proporcionou enorme vantagem às pretas (JC).

8. Dc2

O habitual. Há também que ter em conta 8. a3 Cc6 (8...dxc4!?) 9. Tc1!? d4 10. Cxd4 Cxd4 11. bc Cc6 12. Dxd8 Txd8 13. bxc5 e5 14. Bg5 Be6 15. e4!, Knezevic-Szabo, Belgrado, 1977 (AP).

8...Cc6 9. Td1

A maioria de peões centrais das pretas foi cedida com o intuito das brancas poderem vir a beneficiar de activo jogo de figuras. A situação da D das pretas, sujeita a ataques e pregagens, será o móbil das acções empreendidas e do plano traçado para os próximos lances (JC).

9...Da5

Usualmente aceite como o melhor. Não são suficientes para igualar: 9...d4, 9...Bd6, 9...Te8, 9...dxc4, 9...De7 ou 9...Bd7 (AP).

Contrariando toda ideia branca, pois evita o isolamento do peão d5 (10. cxd5 Cxd5).

10. a3

Agora torna-se claro o sentido da 7ª jogada de Korchnoi: abrir a coluna *d* para a T e ganhar um tempo sobre o Bc5, dada a ameaça 11. b4 (FS).

11...Be7

Observe-se que b4 não é uma ameaça directa, pois, por exemplo, em caso de 10...Td8 11. b4? seria prematuro e refutado com 11...cxb4! 12. axb4 Bxb4 ao que poderia suceder-se 13. Tc1 Ce4 14. Be5 f6 15. Bd4 c5 16. Cxe5 fxe5 17. Bxe5 Bf5 18. Bd3 Bxc3+ 19. Bxc3 Cxc3 e as pretas ganham no mínimo um importante peão após 20. Dxc3 Dxc3+ 21. Txc3 Bxd3 22. Txd3 dxc4 suficiente para lhes proporcionar a vitória. Mas isso não significa que lances como 10...Ce4? sejam possíveis, dada a sequência 11. cxd5 Cxc3 12. bxc3 exd5 13. Cg5 g6 14. Txd5 Dxa3 15. Bc4 Cd8 16. Cxh7! Rxh7 18. Th5+ Rg7 19. Be5+ f6 19. Tg5 1:0, Portiseh Berger, Amestredam 1964 (JC).

11. Cd2

Para um iniciado ao xadrez isto pode parecer duvidoso; já que as primeiras coisas que ensinavam é que antes das figuras estarem todas desenvolvidas e o R em segurança (o roque), não devem repetir-se lances com a mesma peça e — neste caso do Cavalo — menos ainda quando estão bem colocados. Acontece porém que na verdade não há nada melhor e este lance permite hostilizar a D adversária, iludir a pregagem sobre *c3* e poupar lances com o Bf1 enquanto as pretas não se dedicam sobre a sorte do seu peão de dama (JC).

Desprega o Cc3 e fica latente o ataque à dama com Cb3, mas atrasa o roque e permite a reacção das negras com e5, resolvendo até os problemas de desenvolvimento do Bc8. Contudo... (VS).

11...e5

A resposta mais enérgica (JC).

Única reacção possível. Aproveita o facto do cavalo ter saído de *f3* (LS).

12. Bg5

Contra 12. Bg3 deve continuar-se da mesma forma com 12...d4! e não 12...dxc4? 13. Cxc4 Dc7 14. Cb5 Db8 15. Cd4 Cd7 16. Bd3 g6 17. Be4! Dc7 18. Cb5 Db8 19. 0-0 a6 10. Cd4 Ce7 21. Cxc6 bxc6 22. Da4 f6 23. Dxc6, Ivkov-Pfleger, Bamberg, 1968, com vantagem ganhante para as brancas (JC).

12...d4

No caso de 12...Bg4? ! 13. Cb3 Db6 ter-se-ia obtido por inversão de lances uma posição da partida Fargo-Kurajica, Amsterdam, 1976, que continuou com 14. f3 dxc4? ! (melhor seria 14...Be6 15. ca4 Dd8 16. Bxf6 Bxf6 17. cxd5 Bxd5 18. Bc4 Cd4! 19. exd4 Tc8 20. dxe5 Txc4, segundo análise de Jurajica, com iniciativa que compensa o material entregue) 15. Bxc4 Bh5 16. De2 Tad8 17. 0-0 Txd1 18. Txd1 Td8 19., Txd8+ acordando-se o empate (JC).

13. Cb3 Dd8

A outra retirada é 13...Db6 14. Bxf6! Bxf6 15. Cd5 Bd8 16. Bd3 g6 17. exd4 Cxd4 18. Cxd4 exd4 19. Cxf6+ Dxf6 20. 0-0 Td8! (um reforço à partida Forintos-Smederevac, Wijk aan Zee, 1970, que seguiu com 20...Db7 21. Be4 Bc6 22. Bd5 Tad8 23. De4, com vantagem) 21. Be4 a5 22. Dd3? ! Be6 23. f4 Tac8 24. B3 Bf5!, e as negras estão muito bem. Farago-Hedman, Cienfuegos, 1977. Parece melhor 22. b3 (AP).

14. Be2 h6 (? ! — AP)

A teoria aconselha 14...Cg4 15. Bxe7 Dxe7 16. exd4 Dh4!? (16...exd4 17. Cd5 De5 18. f4 Ce3 19. fxe5 Cxc2+ 20. Rf2 Bf5 21. Td2 trouxe um final um pouco superior para as brancas no encontro Forintos-Hernandez, Novi Sad, 1974) 17. g3 Dh3 18. d5 Cd4 19. Cxd4 exd4 20. Txd4 Te8 21. Te4 Bd7 22. Bf1 Dh5 23. Be2, com repetição de jogadas, Fortisch-Spassky, Olimpíada de Havana, 1966, mas parece possível encontrar melhoras para as brancas. De qualquer forma, a novidade de Karpov dificilmente poderá garantir a igualdade (AP).

15. Bxf6 Bxf6 16. 0-0 Be6

Qualquer movimento de dama permitiria Cd5 e Ce7 é duvidoso, pois deixa o desenvolvimento por completar, além de descontrolar *d4* (LS).

17. Cc5 De7 18. Cxe6 Dxe6 19. Cd5 Tad8 20. Bd3 Ce7 21. Cxf6+

Melhor que a troca de cavalos, dado a presença neutralizante de bispos de cor contrária (JC).

22. exd4 exd4

Parecia melhor 22...Txd4, se não existisse 23. Bh7+ Rh8 24. Txd4 exd4 25. Bd3 seguido de Te1 com vantagem para Korchnoi (LS).

23. Tfe1 Td7 24. Te4 Cc6 25. De2 g6

Horrível seria 25...Tfd8? ? 26. Te8+ Txe8 27. Dxe8++ (JC).

26. Te1 Rg7 27. b4

Com lances simples mas eficazes, Korchnoi toma as rédeas do jogo. O domínio total da coluna *e* propicia-lhe uma iniciativa duradoura. O jogo de Karpov, dividido em dois blocos, é difícil de sustentar e só o talento defensivo do campeão mundial poderá salvá-lo nesta emergência (FS).

27...b6 28. Dg4 Tfd8 29. h4!

As brancas aproveitam o desvio das figuras inimigas para montarem uma demonstração sobre o roque inimigo (AP).

29...h5

Há que evitar 30. h5, 31. hxg6 e 32. Te6 com forte ataque por parte das brancas.

30. Dg3 Dd6

Sem damas as possibilidades defensivas aumentam (LS).

31. f4 Te7 32. Txe7 Cxe7 33. Te5

O lance 31...Te7 deve ser mau, por ceder a casa *e5*. As negras estão agora na iminência de perderem um peão pois se 33...Rf8? 34. Dg5! Cc6 (ou 32...Cg8 33. Td5) 33. Dh6+ Rg8 34. Txh5! gxh5 35. Bh7+ Rh8 36. Rg6+, etc. Por isso, decidem-se a complicar as coisas, especulando os apuros de tempo do adversário (AP).

V. Korchnoi não dispunha de mais do que uma dúzia de minutos para alcançar o "controle"; logo é natural que procure lances de ameaças directas, em prejuízo de planos mais subtis que exigiriam uma reflexão cuidada (JC).

33...a5 (? ! — FS)

Com o adversário apurado pelo tempo, Karpov tenta "pescar em águas turvas'. A ideia deste lance é abrir a coluna *a* para a T, procurando contra-jogo na ala de dama (FS).

34. Txh5 (? ! — FS)

O momento crítico! Parece mais forte 34. Bxa5. Agora se 34...Cc6 35. Txh5 Cxa5 36. Td5 etc... no caso de 34...Dxa3 35. axb6 seguido de 36. Tb5 e se 34...bxa5 35. Txa5 ganhe um peão. O lance de Korchnoi dá a Karpov, hipóteses de defesa (FS).

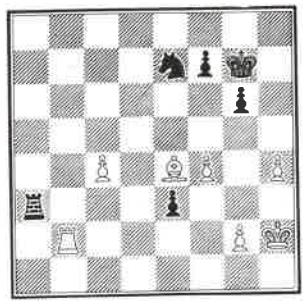
34...axb4 35. axb4 Dxb4 36. Tb5 Dd2 37. Rh2 De3 38. Txb6 Ta8 39. Dxe3

Apenas com alguns segundos no seu relógio, Korchnoi não acerta com a continuação correcta. Com 39. f5! as brancas teriam óptimas possibilidades de aumentar a sua vantagem ficando a um passo do triunfo. Vejamos algumas alternativas 39...Dxg3+ 40. Rxg3 e agora a) 40...Ta3? ? 41. f6+ Rh7! 42. fxe7 Tcd3+ 43. Rf4 Te3 44. Tb7 e ganham b) 20...Cxf5+ 41. Bxf5 gxf5 42. Td6 Ta3+ 43. Rf4 de 44. Re3!? d2+ 45. Rxd2 Tg3 46. c5 com final superior c) 40...gxf5 41. Tb3!? e as brancas podem vir a alcançar uma excelente posição, logo após a exacta recolocação das suas peças, conservando o seu forte B e devido à fraca estrutura de peões pretos. É evidente que nos limitámos a dar uma ideia de carácter geral prontos a ser pormenorizadamente analisados (JC).

39...dxe3 40. Tb2 Ta3 11. Be4 (s) 1/2-1/2

V. KORCHNOI — A. KARPOV

9ª partida



A partida ficou suspensa nesta posição e foi dada por empatada por acordo sem continuação.

Depois de 41...Tc3 42. Te2 (péssimo seria 42. Tc2? ? Txc2 43. Bxc2 e2 ganhariam as pretas (JC)) Txc4 43. Txe3 e o final resultante é equilibrado apesar do peão a mais. Até 43...Cf5 é empatativo! (LS).

A. KARPOV — V. KORCHNOI

10ª PARTIDA

Espanhola

1. e4 e5 2. cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Cxe4 6. d4 b5 7. Bb3 d5 8. dxe5 Be6 9. Cbd2 Cc5 10. c3 d4

A continuação dos livros. Na 8ª partida de Korchnoi ensaiou 10...g6 e foi massacrado de forma instrutiva (FS).

11. Cg5!?

Um sacrifício de figura no início do jogo é facto pouco vulgar em campeonatos do Mundo. O lance de Karpov constitui mais uma novidade, de que o presente "match" tem sido fértil. A teoria recomenda aqui 11. Bxe6 Cxe6 12. Cb3 dxc3 13. Dc2 (FS).

Totalmente novo neste estilo de posição/ Uma desagradável surpresa para Korchnoi.

11...dxc3

Korchnoi recusa o presente envenenado, optando, com bom critério por esta linha de igualdade (FS). Quarenta minutos demorou o candidato para recuar as complicadas variantes do sacrifício; a lição da 8ª partida fez-lhe renunciar ao seu estilo! Ou terá tido medo de entrar em linhas preparadas?

Aceitar a peça é arriscado. Podia seguir-se 11...Dxg5 12. Df3 Rd7? ! (12...Bd7 13. Bxf7 Rd8 (13...Re7 14. Ce4 Dg4 15. Bg5...) 14. cxd4 Ca4 15. e6 (JC)) 13. Bxe6+ (13. Bd5!? Cxe5 14. Bxc6 seguida de Dxa8 com ganho de uma qualidade (JC)) fxe6 (13. Cxe6 14. Dd5+) 14. cxd4 Ca4 (14...Cxd4 15. Dxa8) 15. d5! exd5 16. Dxd5+ Bd6 17. e6+ ganhando a dama. 12. Bxe6 Cxe6 (12...fxe6 13. Df3 Rd7 inverte para a posição anterior) 13. Df3 ced8 dava menos hipóteses às brancas (LS). Por outro lado se 11...Cxb3 12. Cxe6 fxe6 13. Cxb3 com a ideia de 13...dxc3 14. Dg4 e as brancas têm um cómodo ataque enquanto após 11...Bxb3 12. Cxb3 dxc3 13. Df3 Dd7 14. Td1 deveria ser suficiente. E no caso de 11...d3? Bom, no minímo, as pretas sujeitar-se-iam a peões fracos em *e6* e *d3*, embora este último tenha a compensação de ser agressivo, o que não terá agradado a V. Korchnoi. Enfim, a análise desta posição obrigará a gastar muita tinta (JC).

12. Cxe6

Eliminando um dos melhores defensores das pretas e arranjando-lhes uma debilidade em *e6* devido a que 12...Cxe6 13. bxc3 deixaria as mãos livres às brancas para se aproveitarem de todo o tipo de diagonais para os seus bispos (JC).

12...fxe6 13. bxc3 Dd3 (! — LS, AP) **14. cf3** (! — LS,!? — AP)

Muito complexa é a variante 14. Bc2 Dxc3 15. Cef Dxa1 16. Dh5+ (16. Cxc5 Bxc5 17. Bd5 0-0) g6 17. cf6+ Rd8 18. Td1+ Rc8 19. Df3 Dxc5 20. Dxc6 Tb8 21. Be4 Dxe5 (21...Cxe4 22. Td8+ ou 221...Dxf6 22. Dxf6 22. Be3 e as brancas ganham (EM).

14...Dxd1

Talvez o peão *c3* não fosse assim tão indigesto (AP).

Se já não se aceitam peças para quê ir aos peões? ! Na realidade se 14...Dxc3? ! 15. Bg5 e o ataque continua (LS).

Não se pode aconselhar a ninguém 14...Dxc3 sem um cálculo exacto das suas consequências tácticas. Em princípio parece até bastante mau, pois várias figuras das pretas ficariam em posição melindrosa, já sem acentuar a péssima "distracção" do seu Rei, perdido no centro e à chuva de ataques, de todo o tipo. Pode-se até supor-se a sequência 14...Dxc3 15. Bg5 Cxb3 16. axb3 Cxe5 17. Cd4! como suficiente, embora nenhuma análise séria se possa resumir a um único e ténue fio entre tal meada. Mas como estamos habituados, a verificar o optimismo e a presença de espírito de V. Korchnoi para tais perigos...sabe-se lá se hesitou em tragar aquele pedaço de "cicuta"! (JS).

15. Bxd1

As brancas pretendem conservar o par de bispos. Mais activo seria 15. Txc1 (AP). Demasiado precioso este bispo, pois as fraquezas das negras estão quase todas em casas brancas (LS). À primeira vista, Karpov sacou fraco partido da sua "diabólica" combinação, pois tudo se quebra na troca das damas. Mas mantém o par de bispos (ainda que muito retraídos), inclina-se para a final (que é o seu forte) e...ficou com larga vantagem no relógio! (VS).

15...Be7 16. Be3 cd3

Afigura-se-nos que o C estava bem instalado em *c5*, mas provavelmente Korchnoi não interessou (por querer ganhar? !...) a hipótese de mais trocas a ficarem os bispos de diagonal diferente (VS).

17. Bb3 Rf7

Liga as torres, protege *e6*, mantendo o Pe5 atacado (LS).

Errada seria 17...Ccxe5 18. Cxe5 Cxe5 19. Bxe6 e a presença dos bispos far-se-ia sentir (JS).

18. Tad1 Ccxe5

O ganho do peão é ilusório. As pretas ainda vão ter problemas com o Pe6 isolado e o par de bispos brancos. Há que provocar a eliminação de um deles (VS).

19. Cxe5 Cxe5 20. Bf4 Cc4 (! — FS)

Com igualdade (FS). Única para não haver problemas em *e6*, maneira radical de combater o par de bispos: dar cabo de um deles! (LS). Inferior seria 20...Bd6? ou 20...Bf6? (AP). O peão seria insustentável depois de 20...Bd6 21. Tf1 Rf6 22. Bxc6 baseado em 22...Rxeb 23. Bxc5 24. f4. Seria suficiente para recuperar o peão, mas existia o intermédio 22...Cf3 23. gxf3 Bxf4 de consequências pouco claras. Por isso, o correcto deveria ser 22. Bxe5 Bxe5 23. f4 e os bispos de cor contrária apenas aumentam as possibilidades de ataque dos brancos (JC).

21. Bxc4 bxc4 22. Td4

Duvidoso seria 22. Bxc7 pois nesse caso Pc4 conseguiria sobreviver e os brancos de *c3* transformar-se-ia em fraco (bloqueado e na mesma diagonal do seu bispo (JC).

22...Bd6 23. Be3

Najdorf diz que Karpov jogou este lance precipitadamente. Na verdade era melhor 23. Bxd6 cxd6 24. Txd6 com excelente final. Atente-se em 24...Thd8 25. Tfd1 Re7 26. Txd8 txd8 27. Txd8 Rxd8 28. f4 Rd7 29. Rf2 Rd6 30. Rf3 ganhando. Não é habitual ver-se Karpov esbanjar assim a vantagem conquistada (EM).

O peão isolado *e6* confere às brancas melhor estrutura de peões no flanco de rei precipitadamente equilibrado pela superior actividade das peças negras. Mais seguro era 23. Bxd6 cxd6 24. Txd6 Thd8 25. Tfd1 Re7 em melhor final de peões para Karpov, embora bastante nivelado (LS).

23...Tab8 24. Txc4 Tb2 25. a4

Se 25. Ta4 Tc2 e se 26. Tc1? Txc1 27. Bxc1 Tb8 (LS).

25...Ta2 26. g3

De nada servia ocupar a coluna 26. Tb1 Tb6!, por causa do mate na 1ª coluna (LS). As regras já têm mesmo uma certa iniciativa mas o empate continua a desenhar-se (AP).

26...Tb8 27. Td1 Tbb2 28. Tdd4 (! — AP).

Provocando rapidamente contrajogo (AP).

28...Tb1+29. Rg2 Tba1

Karpov nos últimos lances vai activar o máximo as suas peças centralizadas (LS).

30. Th4 h6 31. Bc5 e5 32. Ba7

Uma vez que as brancas conseguiam encerrar o B das pretas numa posição defensiva entre os seus próprios peões, manobram com maior facilidade para atacar *c7* ou *g7* e mais tarde *e5* obrigando o R das pretas a deslocar-se em movimento, acudindo a um ou a outro flanco (JC).

32...Re6 33. Tcg4

Karpov está já a tirar maior partido da mobilização das suas torres e do B do que o candidato. É natural que este esteja já a lutar também com problemas de tempo (VS).

33...Be7 34. Th5 Bf6 Assim garantem as pretas a captura dum peão (a4), mas Karpov irá recuperá-lo em *e5* (AP).

Curioso é o "barrete" 34...Bg5 35. h4 g6 36. hxg5 gxh5 37. gxh6 Td1 38. h7 Td8 39. Tg8 (LS).

35. Tc4 Rd7 36. Bb8 c6 37. Te4

Depois de 37. BXe5 gb as brancas perderiam um bispo, ainda que 38. Td4 Rc8 39. Txh6 Bxe5 40. Tc4 com compensação interessante. Pelo que o mais seguro seria 37...Bxe5 38. Txe5 Txa4 proporcionando uma variante semelhante à do texto (JC). **37...Txa4 38. c4**

Péssimo seria 38. Txa4 Txa4 39. Bxe5? pois agora sim 39...g6 40. Txh6 Bxe5 41. Txgb Bxc3 e as brancas perdem.

38...Ta5 39. Bxe5 Bxe5 40. The5 Txe5 41. Txe5

As regras têm uma ligeira vantagem no final por terem um peão passado apostado. Mas com uma defesa correcta...(LS).

41...Ta4 42. Te4 Ta5 43. h4 h5

Uma precaução; evitar a progressão dos peões brancos no seu flanco maioritário e a eventual passagem do Rei (JC).

44. Tf4 -1/2

A proposta de empate partiu de Karpov. Este final pode considerar-se resultado incerto entre jogadores de outro nível. Mas para A. Karpov e V. Korchnoi, de técnica muito apurada, podemos apoiar-nos na generalização para confirmar o equilíbrio que aceitaram. Assim, ainda que o peão passando das pretas seja um factor de peso, as debilidades dos peões pretos no flanco do rei, perante uma torre branca muito activa, poucas facilidades encontrariam num caminho mais ambicioso do que a neutralização do ponto. Aliás os finais de torres são dos que mais facilmente se empatam (JC).

comentários de (AP) Álvaro Pereira
(EM) Eduardo Monteiro
(FS) Fernando Silva
(JC) João Cordovil
(LS) Luís Santos
(VS) Vasco Santos

Compilação de ÁLVARO FERNANDES

CRÓNICA DE UM «HIBERNADO»

OBRIGADO, ANOP

Quando o grande-mestre soviético A. Suetin regressou ao seu país depois de uma estadia de cerca de um mês em Portugal, declarou nunca ter encontrado no Ocidente tamanho interesse pelo xadrez, especialmente nas camadas jovens, como neste cantinho à beira da Europa plantado. Saíu daqui positivamente encantado com o nosso país — e possivelmente até perplexo, dada a nossa fraca cotação no cômputo do xadrez mundial. Provavelmente, se passasse por cá agora, ficaria banzado e teria muita dificuldade em explicar aos seus compatriotas como é que um país tão atrasado no xadrez dedicava tão alucinante interesse pelo "match" Karpov-Korchnoi, a avaliar pelo relevo conferido pelos órgãos de Comunicação Social.

Deve ser caso único no mundo, talvez descontando a própria União Soviética e as Filipinas, nações mais directamente interessadas, por razões diferentes, na sensacional disputa do título mundial de xadrez.

De facto, o que se tem observado na nossa Imprensa e Televisão não é normal. Quase todos os jornais a dedicarem extensas colunas e títulos a largas parangonas ao "match", inclusive transcrevendo as partidas com comentários técnicos; a televisão reservando no seu Telejornal largos minutos à apresentação e comentário da partida do dia; a rádio também atirando para o ar notícias de última hora e a explanação técnica num programa nocturno...

(Bem, não será normal num país normal; mas Portugal será um país... normal? Haverá outro como o nosso, com tantas contradições, desde que se acabou com uma ditadura de quase meio século com uma Revolução de Cravos, culminando agora com um "gambito" dos partidos e o "rei" a "promover"...um governo apartidário? !...)

Pois, Portugal, nossa ditosa pátria, em xadrez e noutras coisas mais, desafia todas as regras do equilíbrio. Claro, os xadrezistas exultam com esta "sorte grande" de poder seguir a par e passo, em cima da hora, com a maior soma de pormenores, a evolução do apaixonante "match" máximo do desporto dos escaques. Exultam com esta extraordinária "explosão" de propaganda do xadrez nunca vista, nem mesmo aquando do encontro Spassky-Fischer (antes do 25 de Abril...) que ao tempo foi já uma amostra da tendência portuguesíssima para o insólito.

Os xadrezistas estão gratos à TV, e a todos os jornais, que, consoante o seu estilo, têm feito uma cobertura excepcional do acontecimento, com a colaboração dos nossos "craques", que diga-se de passagem, mostram-se à altura (exce dendo até o que seria lícito esperar dos menos experientes nas lidas jornalísticas) das tarefas de informarem "gregos e troianos", isto é, entendidos na matéria e leigos que nem sequer sabem jogar. Tem sido um trabalho brilhantíssimo!

Neste plano de reconhecimento e gratidão, julgo que será de justiça uma palavra de louvor para algo que tem tornado tudo isto possível. A ANOP — Agência Noticiosa Portuguesa. A ANOP, que tem trabalhado na sombra, despejando nas redacções dos jornais, estações de rádio e na TV, os "telexes" de Baguio, com comentários e a imprescindível e essencial transcrição das partidas.

A ANOP — que já tornou possível a realização do Portugal-Holanda via telex — continua a servir o xadrez nacional de uma forma extraordinária, admirável. E não apenas neste "match" Karpov-Korchnoi, mas também na divulgação de diverso noticiário nacional e do estrangeiro. Dir-se-à que é a sua obrigação. Mas a ANOP excede-a, com um interesse e um zelo, que não é vulgar — e sem nunca se pôr em "bicos de pé", cumpre a sua missão divulgadora e muitas vezes dinâmica com uma naturalidade impressionante.

Sem dúvida que é devida uma palavra de gratidão muito sentida e todos os órgãos da informação que, com o poder da sua comunicação, engenho e sem regatear o seu precioso espaço, tem dedicado à "maratona" de Baguio, uma atenção muito especial, que coloca a Imprensa Portuguesa à cabeça da congénere estrangeira neste particular. Mas creio que, após o exposto, sobre a acção básica que torna tudo isto possível, interpretarei o sentir de todos os xadrezistas portugueses e até da nossa hierarquia xadrezística, neste muito simples e bem português: OBRIGADO, ANOP!

VASCO SANTOS

SOLUÇÕES

PROBLEMAS

49 **(FEAST) 1. Da2,** am **2. Te3**++. Três fugas do R negro, duas das quais dando xeque. Um "Meredith" com boa chave que dá as duas fugas principais.

50 **(BOTTACHI) 1. Tg4,** am. **2. Tg8**NN. Contra as defesas da D negra o C de e4 dá oito mates a descoberto. "Roseta do C branco" também em forma de "Meredith".

51 **(BISCAY) Uma "miniatura" estratégica. Ensaios: 1. Cc7? Re5. 1. Cb6? , e5. Solução: 1. Bc5 Re5 2. Cb6 Rf6 3. Cd7**++. **1...e5 2. Cc7 e4 3. Bd4**++. **Obstrução recíproca entre R e P, sobre** e5.

FINAIS

49 **(PROKES). 1. Rc8 Rc6 22. Rb8 Rb5 3. Rb7 Rxa5 4. Rc6 h5 5. Rd5** empata. Útil ao jogador prático.

50 **(HULTBERG). 1. exf** ganha. Se 1. exd? o outro P negro atinge e como se sabe, sendo P de Bispo é um final técnico de empate.

51 **(CARLSSON).sm,Talvez um final, talvez um estudo. As brancas têm mais força, as pretas melhor posição. A promoção em *c1* não pode evitar-se, mas... 1. Rc8 c1=D 2. Bb5 Dh1 3.3. Tc7 Bxc7 4. Bc6**+ **Dxc6** empate em partida seria combinação muito difícil de encontrar.

COMBINAÇÕES

49 **(LEVITSKY-MARSHALL) 1...Dg3! 0:1.** Se 2. hxg3 Ce2++. Se 2. fxg3 Ce2+ 3. Rh1 Txf1++. Se 2. Dxg3 Ce2+ 3. Rh1 Cxg3+ 4. Rg1 Cxf1 e as pretas ganham.

50 **(HELDER SARDINHA-TOMÉ DUARTE) 1. Txd7! Txd7 2. Cg5!** h6 (2... fxg5 3. Ccf+ Bxf6 4. exf6 4. Tf2 Dxg5 7. Dxg5 +Rh7 88. Dg7++.

51 **(KERES-GLIGORIC) 1. Txg7+ Bxg7 2. Dg4** (e as pretas não podem parar as duas ameaças Dxg7 e Ch6+) **Dxf5 29. Dxf5 0:1**

CAMPEONATO MU

1978 ?

◄ Nona ou Maya ►

Nos diversos órgãos de comunicação social, o noticiário xadrezístico, embora desenvolvido, tem vindo, desde meados de Julho, a ser quasi totalmente preenchido pela fotonovela, perdão, pelo "match" dos dois "K", em Manilla.

Pela nossa parte vamos tentar corrigir a quasi ostensiva omissão do outro Mundial, o feminino, que desde 19 de Agosto se disputa em Pitsunda, estância balnear da Geórgia e que, embora não tendo o "atractivo" de bruxas, dissidentes e "gurus", tem produzido magníficas partidas de que não queremos privar os novos leitores.

Publicamos hoje as primeiras, antecedidas por um breve resumo do que foram os anteriores campeonatos, e daremos as restantes à medida que o espaço no-lo permitir.

Na Revista Portuguesa de Xadrez n.º 12, adiantamos já o nome das anteriores campeãs mundiais. Vejamos hoje a evolução dos campeonatos e os resultados dos "matches".

Em 1927, Londres foi palco de um torneio onde a checoslovaca Vera Menchik perfez 10 1/2 em 11, sagrando-se 1ª Campeã do Mundo, título que manteve até à sua morte, ocorrida em 1944, em Londres, durante um bombardeamento aéreo.

Nesse intervalo Vera revalidou o título em 1930 (Hamburgo), 1931 (Praga), 1933 (Folkstone), 1935 (Varsóvia), 1937 (Estocolmo) e 1939 (Buenos Aires).

Entretanto disputara dois "matches" contra Soni Graf-Stevenson, o primeiro em Roterdão, 1934, e o segundo em Semmeringen, 1937, vencendo ambos por 3-1 (+3-1 =0) e 11 1/2-4 1/2 (+9-2 =5).

Menchik, tal como Alekhine, no mesmo período, o fez no sector masculino, foi durante largos anos a senhora absoluta do xadrez. Impressionante que estes dois "monstros", até nas mortes trágicas, ocorridas quasi simultaneamente, se assemelhassem.

De 1927 a 1939, Vera Menchik desfrutou, ao mais alto nível, 101 partidas, com 88 vitórias, 9 empates e 4 derrotas!!! (Se os pontos de exclamação não fossem já um sinal habitual do xadrez, tinham de passar a ser!)

Após a guerra, em Moscovo, diversas xadrezistas da Europa e da América participaram num torneio destinado a designar a sucessora de Menchik. Em 20 de Dezembro de 1949, 16 jogadoras iniciaram a prova que terminou com a vitória de Liudmila Rudenko, da URSS, com 11 1/2 pontos, seguida de Olga Rubtsova, 10 1/2, e de Borisenko-Belova e Elizabeta Bikova com 10.

Em 1953, Bikova viria a arrebatar-lhe o cepto mundial, num "match" que teve lugar em Leninegrado e cujo resultado foi de 8-6 (+7-5 =2).

Seguir-se-lhe-ia Olga Rubtsava; mas no "match" desforra de 1958, em Moscovo, de novo Bikova ganhou por 8 1/2-5 1/2 (+7-4 =3).

Em 1959/60 Bikova defendeu o título perante Evorkinoi. O resultado foi-lhe favorável por 8 1/2-4 1/2 (+6-2 =5).

Dois anos depois dava-se início ao longo reinado de Nona, que destronou a antiga campeã com um esmagador 9-2 (+7-0 =4)!

De então para cá apenas Olga Kurshir tem tentado "abanar" o trono real:

Em Riga, 1965, Gaprindash-Vili vence-a por 8 1/2-4 1/2 (+7-3 =3).

Em Tbilisi-Moscovo, 1969, bisa com 8 1/2-4 1/2 (+6-2 =5).

Novamente em Riga, 1972, Nona volta a vence-la, mas desta vez apenas com um tangencial 8 1/2-7 1/2 (+5-4 =7).

Em Pitsunda-Tiblisi, 1975, a pretendente chamou-se Alexandria e Nona superou-a com um confortável 8 1/2-3 1/2 (+8-3 =1).

E em 1978?

Como já dissemos Nona Gaprindashvili mantem o título desde 1962. Vencerá a barreira dos 16 anos conforme já tinha batido o record dos 12 de Vera Menchik?

A campeã não tem descurado a sua preparação. Para tal tem participado em torneios masculinos, como por exemplo o de Dortmund 78 (ver RPX n.º 15), onde obteve o 2º lugar de parceria com Keene, (actual segundo de Korchnoy), ambos a 1/2 ponto do sueco Anderson, e com uma boa vitória da campeã sobre este.

Segundo ela, "... os homens ainda têm vergonha de abandonar uma partida quando o adversário é mulher... mesmo que ela seja a campeã do Mundo! Inclusivé aqueles que se vêm a classificar nos últimos lugares dos torneios e que normalmente perdem contra qualquer GM, disputam os jogos que nos opõem, com grande energia, como se estivéssemos a decidir o 1º lugar do torneio". A meditar...!

Faz parte duma comissão do soviéte da sua república, que se ocupa de questões de sáude pública e de cultura física.

Trabalha ainda como assistente na cadeira de metodologia do ensino de línguas estrangeiras e literatura do Instituto de Tbilisi. A sua especialidade é o inglês.

É casada e tem um filho, o pequeno Datiko.

A sua pontuação elo é de 2425.

Quanto a Maia Chiburdanidze a característica mais saliente é a idade: tinha 1 ano quando Nona ganhou o seu primeiro título mundial!

NDIAL FEMININO

Já falámos dela anteriormente na RPX (n.os 12, 13 e 16). Acrescentemos algumas curiosidades.

Maia foi uma rapariguinha precoce: aos 3 anos aprendia a ler e aos 5 ingressava na escola.

Tal como Robert Fischer, iniciado no xadrez pela irmã mais velha, também Maia recebeu de um irmão as primeiras noções do jogo.

Aperfeiçou-se depois frequentando o Palácio dos Pioneiros, continuamente visitado por conhecidos GM soviéticos.

Já em 1971 o GM Eduard Gufeld, seu futuro treinador, afirmava:

"Há em Kontaisi uma jovem de 10 anos, cujo nome não menciono por razões pedagógicas, de quem em breve muito ouviremos falar".

Nesse mesmo ano foi 5ª, entre 14 concorrentes, no Campeonato da Geórgia.

Também então, tal como recentemente com o iogurte de Karpov, rumores mal intencionados afirmavam que os lances lhe eram passados nas embalagens dos bombons!

Nesse tempo a fotografia de Nona figurava entre a colecção de ídolos de Maia, que não pensaria certamente vir a enfrentá-la tão cedo, nas circunstâncias presentes.

De então para cá a sua rápida ascensão tem ultrapassado os limites do imaginável, culminando com a obtenção do título mundial.

Recentemente venceu em Budapeste, (RPX n º 15), com 11 pontos em 13 possíveis.

O seu elo actual é de 2340.

Quando lhe perguntaram porque gostava de jogar xadrez respondeu com toda a simplicidade:

— "Gosto de ganhar".

E, como estamos constatando no presente "match", parece estar a satisfazer o seu gosto, dado que o resultado lhe é favorável neste momento por 4-3.

SOBREDA ANTUNES
SIMÕES NUNES

Vejamos as partidas:

PRIMEIRA PARTIDA

CHIBURDANIDZE — GAPRINDASHVILI
Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 f5!? 4. d3 fxe4 (Após 4...Cf6 as B não têm problemas se optarem pelo natural 5. 0-0) **5. dxe4 Cf6 6. 0-0** (Também são possíveis: 6. Cc3 Bb4! 7. Dd3 d6 8. Bd2 Bxc3 9. Bxc3 0-0 10. 0-0-0 De8 11. h3 a6 12. Bc4+ Be6 13. The1 Bxc4 14. Dxc4+ Rh8 15. De2 Cd7 16. Rb1 b5 — como na partida Nezmetdinov-Bronstein, Tbilisi 1959 — ou 6. Bc4 Bc5 7. 0-0 d6 8. c3 Bg4 9. b4 Bb6 10. a4 a5 11. b5 Ce7 12. Db3 Bxf3 13. Bxf7+ Rf8 14. gxf3 Cg6 — Sabo-Bronstein, Moscovo 1956) **d6 7. Cc3 Be7 8. a3!** (A "Enciclopédia" indica 8. Cd5, 8. Bc4 e 8. Dd3. A este lance poder-se-ia seguir Bg4 9. h3 Bxf3 10. Dxf3 0-0 11. Dd1 Rh8 12. Be3 De8. O lance de Maia é uma melhoria) **Bg4 9. h3 Bxf3 10. Dxf3 0-0 11. Dd3 Rh8 12. Be2 Ch5** (Compare-se agora a posição com a análise anterior) **13. Tad1 Bg5** (Com 13...Cf4 14. Bxf4 exf4 15. Bxc6 as N encontram-se cm uma débil estrutura de peões) **14. Cd5 Bxe3** (Eliminando o poderoso bispo B de casas N. Todavia 14...Tc8 seria mais correcto) **15. fxe3! Cf6 16. Dc4 Ce7** (Agora não era possível 16...Cxd5 por causa de 17. Txf8+ Dxf8 seguido de 18. exd5 com ataque sobre c7)

17. Cxc7! (Se 17. Dxc7 Dxc7 18. Cxc7 as N reanimariam a posição com Tfc8 19. Ce6 Txc2. Não parece saudável 17...Cexd5 18. Dxd8 Tfxd8 19. exd5 Tac8 20. c3 Tc5 21. Be2 Txd5 22. Txd5 Cxd5 23. Tf7) **Tc8** (Se 17...a6 8. Cxa8 axb5 19. De6 etc.) **18. Ce6 Txc4 19. Cxd8 Txc2 20. Txd6 a6! 21. Bd3 Td2! 22. Cxb7 Cc8 23. Td5 Cb6 24. Td6 Cc8 25. Td5 Cb6 26. Td6 1/2:1/2**

....

SEGUNDA PARTIDA

GAPRINDASHVILI — CHIBURDANIDZE
Húngara

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bc4 Be7 4. d3 Cf6 5. Bb3 d5 6. Cbd2 0-0 7. 0-0 dxe4 8. dxe4 Bc5! 9. c3 De7 10. Bc2 (10. Bc4 a5 11. a4 seria outra possibilidade) **a5 11. Ch4** (Após 11. De2 as pretas podem ensaiar 11...b6 e 12...Ba6) **g6 12. Cb3 Bb6 13. Df3 Bg4** (Ou Ce8 14. g3 Cg7) **14. Dg3 De6**

15. Cf5! Rh8 (Se 15...gxf5 então 16. exf5) **16. Ch6** (Se 16. Bh6 já era possível gxf5 17. exf5 De7. depois de 16. ce3 Be2 17. Te1 Ba6. 18. Cd2 parece melhor que 18. Cd5) **Be2 17. Te1 Ch5 18. Dh4 Ba6 19. Cd2 f6 20. Cf1 Tad8 21. Cg3** (Parece correcto 21. Be3 Bxe3 22. Cxe3. O plano é meter o bispo B na diagonal a2-g8, isto é, jogar 23. Bb3) **Cg7 22. Cf1 Ch5 23. Cg3 Cg7 24. Cf1 Cb8 25. Be3 Cd7 Bxb6 Cxb6 27. Ce3 a4 28. f4 exf4 29. Dxf4 Td7 30. Ted1 Tfd8 31. Txd7 Txd7 32. Td1 Ch5! 33. Df2 Rg7 34. g4 Rxh6 35. gxh5 Rg7 36. Df4 c6 37. Txd7+ Cxd7 38. Bxa4 Dxa2! 39. h6+ Rf7 40. Dd6 Re8** (Maia reagiu bem e a sua posição não denota debilidades. Aqui a partida ficou adiada. O lance selado de Nona foi...) **41. Bd1 Db1 42. Cg4! Bc4 43. e5 Bd5** (Jogado após 40 minutos de reflexão) **44. Cxf6+ Cxf6 45. Db8+ Rf7 46. Dc7+ Re6 47. Dd6+ Rf5 48. Dxf6+ Re4 49. Df3+ Rxe5 50. De3+ Rf5 51. Df2+ Re5 52. Dd4+ 1/2:1/2**

BANCO
NACIONAL
ULTRAMARINO

Divagações estivais: problemas estudos e finais

O rimar do título é mero acaso, se bem que a composição seja a poesia do Xadrez.

Cândido de Figueiredo, no seu dicionário, define **problema** como "questão matemática, proposta para se lhe obter a solução".

Mas, porquê "matemática"?

O "Lello Universal" regista: "questão para resolver por meio de processos científicos".

Mas, porquê "científicos"?

O "Dicionário Universal de Oxford" indica: "questão difícil, proposta para solução".

Mas, porquê "difícil"?

Outros possíveis exemplos que, citados, seriam repetitivos, continuariam a demonstrar que, pelos vistos, os dicionaristas são pouco "matemáticos", ainda menos "científicos", mas são sempre "difíceis", porque nos deixam muitas dúvidas, carecidas como são as suas definições, do devido rigor.

Sem pretensões a dicionarista e metendo foice em seara alheia, sempre definirei, por minha conta e risco e duma maneira que penso ser mais geral — problema "conjunto de dados tendo em vista o resultado (solução)".

Dentro desta definição de **problema,** é evidente que **estudos** e **finais** pertencem a essa categoria, e até mesmo a **partida,** deve dizer-se.

Em Xadrez, porém, reserva-se a palavra **problema** para as **composições** em que ocorre **mate** num número **pré-anunciado** de lances.

Esta Secção trata de Problemas, minha especialidade, já que a eles tenho dedicado largos anos de estudo.

Trazer, pois, aqui **estudos** e **finais** é continuar a meter foice em seara alheia; consequência das férias que nos permitem, longe das responsabilidades profissionais, recrearmo-nos com assuntos fora do nosso quotidiano e actividade habitual.

Passando aos **finais,** devemos lembrar os **finais técnicos** R+D contra R, R+T contra R, etc, ou R+P contra R, R+T+P contra R+T, etc, etc, conforme vem nos tratados e o leitor já conhece. Deles não trataremos.

Ficam os chamados **finais artísticos** cuja característica é serem uma posição **plausível** como sequência de lances duma partida, apresentarem forças **equilibradas** e linhas de solução, sem indicação de número de lances, que conduzam aos **finais técnicos,** de ganho ou empate.

Neste último caso a posição será normalmente **desequilibrada.**

Eventualmente, poderão terminar em mate.

Nos **estudos,** as linhas da solução condizem com as dos **finais,** mas a posição inicial é semelhante à do **problema,** isto é **não plausível,** sendo uma resultante de lances legais sim, mas **inverosímeis,** posições portanto que a boa técnica da partida não permite atingir.

No diagrama I, um **final artístico,** uma posição célebre, a de Saavedra.

Fernando Saavedra, nascido em Sevilha (1847), falecido em Dublin (1922), foi um eclesiástico que dedicou os seus ócios ao Xadrez.

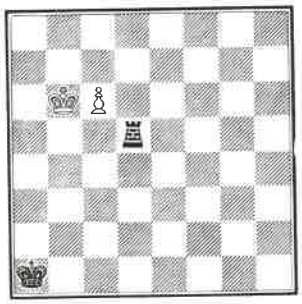
Esta posição tem uma história que é a seguinte:

Numa partida Vivian Fenton — William Poter, jogada em 1875 no City of London Chess Club, numa posição semelhante as negras perderam.

Vinte anos mais tarde, George Emile Barbier, redactor da coluna de xadrez do "Weekly Citizen", de Glasgow, publicou a posição, mas com o P branco em c7 e o enunciado: as pretas jogam e empatam, dando a linha de jogo em que as brancas promovem a Dama, (1...Td6+, etc).

Poucos dias depois, o reverendo Saavedra demonstrou a Barbier que as brancas ganham promovendo o PP a T e não a D! Finalmente a posição tal como ficou mundialmente conhecida é a do diagrama, e a solução 1. c7 Td6+ 2. Rb5 (se 2. Rc5 Td1), Td5+ 3. Rb4 Td4+ 4. Rb3 Td3+ 5. Rc2 Td4 (esperando 6. c8=D Tc4+ 7. Dxc4, pate!, era este o truque de Barbier).

I
F. SAAVEDRA
"Glasgow Weekly Herald" 1902



2+2 *Brancas ganham*

Mas Saavedra emendou: 6. c8=T!!, Ta4 (obrigado) 7. Rb3 ganha.

Na Igreja, Saavedra deve ter tido certa notoriedade, dado os cargos que desempenhou, tendo até recebido do Papa Benedito XV uma carta pessoal por altura do seu (de Saavedra) jubileu sacerdotal.

No Xadrez seria hoje um desconhecido sem este final que atesta, aliás, a sua força de analista.

II
G. A. NADAREISHVILI
"A Khalgazrda Komunisti" 1955
Prémio especial

3+2 *Brancas ganham*

III
KASPARIAN
"A chakmaty URSS" 1956
1º prémio

6+7 *Brancas ganham*

No diagrama II outro final altamente importante, não só pela manobra branca, como pelos recursos mostrados pelas negras, que embora insuficientes, são uma boa lição para o estudioso e para o jogador prático.

1. a7 (lance evidente, senão Tb4!b5 etc ganha), Tb1+ 2. Ra2 Tb2+ 3. Ra3 Rb1 4. h7, Ta2+ 5. Rb4 Tb2+ 6. Ra5 Ta2+ 7. Rb6 Tb2+ 8. Rc7 Tc2+ 9. Rd7 Td2+ 10. Re7 Te2+ 11. Rf7 Tf2+ 12. Rg6 Tg2+ (se 12...Tf8 13. Rg7 ganha) 13. Rh5 Th2+ 14. Rg4 Tg2+ 15. Rh3 (f3) e ganha. A diferença é que na outra ala, o Rei negro apoiava a T nos xeques.

A posição III, do eminente compositor Kasparian, é ainda um **final** talvez já a caminho do **estudo.** Por vezes torna-se difícil a distinção, e há que contar com o subjectivismo.

As brancas chegam ao mate duma maneira inesperada.

1. g8=D (am. Dxh7 e Dg1,++), Dxg8 2. Tg5 (ameaça semelhante), Dxg5 3. Rc2 b5 4. a6 b6 5. a7 Bd6 6. Th8 (novamente duas ameaças), Ba3 7. Th1+ Ra2 8. a8=D De5 9. Ta1+ Dxa1 10. Dxd5++.

Henri Rinck (1870/1952) francês que se radicou em Barcelona, é considerado o maior compositor de finais e estudos arstísticos da história do Xadrez.

IV
H. RINCK
"L'illustration" 1938

10+13 *Brancas ganham*

O nºIV é já claramente um **estudo.** Tal posição, embora legal, só se conseguiria com jogadas completamente alheias às normas, usadas nas partidas.

Mostra o tema da "escada" que o Rei negro percorre duas vezes.

1. Db6+ Rd6 2. Dc5+ Re5 3. Dd4+ Rf4 4. De3+ Rg3 5. Df2+ Rf4 6. g3+ Dxg3 7. De3+ Re5 8. f4+ Dxf4 9. Dd4+ Rd6 10. e5+ Dxe5 11. Dc5+ Rc7 12. d6+ Dxd6 13. Db6+ Rxb8 14. c7+ Dxc7 15. Da7++.

Terminamos com Chéron, outro corifeu da composição.

V
A. CHÉRON
"Journal de Genève" 1964

11+13 *Brancas ganham*

O nº V é um **estudo** em que podemos apreciar o espantoso tema das 8 promoções a C:

Assim: 1. b8=C+ Txb8 2. axb8=C+ Rd6 3. c8=C+ Re6 4. d8=C+ Bxd8 5. exd8=C+ Rf6 6. g8=C+Txg8 7. hxg8 C+ Rg6 8. f8=C+!

Sem mais comentários, já que os exemplos falaram claro, julgo ter dado ao leitor a noção dos elementos que distinguem entre si **problemas, estudos** e **finais,** e o prazer de apreciar as extraordinárias realizações conseguidas.

Pelos Grandes da Arte, evidentemente!

RUI NASCIMENTO

O sistema Elo e a sua aplicação em Portugal (3)

A FORMULA DA CLASSIFICAÇÃO PONTUAL

A fórmula da classificação pontual (no método contínuo) permite o cálculo das classificações pontuais após a última competição ou após uma série de competições e expressa-se por Rn=Ro+K (W-We) onde Rn é a classificação pontual após a competição, Ro é a classificação pontual do jogador antes da competição, W é o número de vitórias verificado, com os empates valendo 1!, We o número esperado de vitórias, obtido através da curva das percentagens espeadas ou da tabela I, e baseado nas diferenças das classificações pontuais antes da competição e K um coeficiente de ponderação.

A lógica que preside à fórmula é a seguinte: um jogador que realize mais pontos que os esperados aumenta a sua classificação pontual, enquanto que um jogador que obtenha menos pontos que os esperados, vê dimunuída a sua classificação pontual.

Esta fórmula expressa o método de avaliação contínua, usado pelo Sistema de Classificação Pontual da F. P. X.. As classificações são ajustadas após cada competição usando as classificações pontuais mais recentes. Os resultados da última competição são ponderados, através do coeficiente K, com os resultados das competições anteriores, por forma a diminuir gradualmente os efeitos destas.

Um coeficiente K elevado valoriza as competições mais recentes, enquanto que um K baixo privilegia as competições mais antigas. Dado que esta fórmula pretende atribuir um valor à força real actual dos jogadores, compreende-se que no início da carreira de um jogador, quando a sua forma sobe rapidamente, o K deve ser elevado; mais tarde, com a estabilização da força de jogo, o K diminui.

A fórmula da classificação pontual tem duas componentes essencias: Ro e K (W-We). Dado que Ro é dado e provém dos resultados feitos em competições anteriores, as alterações da classificação pontual só podem provir de K (W-We), isto é, do resultado feito na última competição e nas seguintes.

Ora, a variação dos resultados conseguidos nas competições pode ser originada fundamentalmente por duas razões:

a) Variação (normalmente subida) da força do jogador;
b) Flutuações estatísticas aleatórias dos resultados.

A fórmula da classificação pontual deve reflectir a primeira razão e não a segunda. Daí que o K deve ser alto, quando num jogador prevalece o primeiro motivo, e reduzido quando prevalece o segundo. É claro que a segunda razão altera, por pouco que seja, a classificação pontual, o que não "deveria" suceder. Porém se a força do jogador não se alterar, a longo prazo, a sua classificação pontual permanecerá constante, pois o que sobe nos torneios em que obtém bons resultados é compensado com o que desce nos torneios em que obtém maus resultados.

Também se o jogador está classificado erradamente, o sistema tenderá a corrigir o erro e tanto mais rapidamente quanto maior for o erro, pois aumenta o valor absoluto da diferença W-We. O Sistema Elo é pois, um sistema autocorrector.

Os valores atribuídos a K são atribuídos da teoria e a prática estatísticas, que não discutiremos aqui. Todavia, quando discutirmos o art.º 7.º do Sistema de Classificação Pontual da F. P. X., voltar-se-á ainda a falar neste coeficiente.

Não apresentamos nenhum exemplo de aplicação desta fórmula, pois ela é a mais divulgada e no nº 13 da R. P. X. há ilustrações suficientemente elucidativas.

A ESCALADA DAS CLASSIFICAÇÕES

Basicamente o Sistema Elo determina somente as **diferenças** das classificações, ou seja, as classificações **relativas** dos jogadores. Estas classificações relativas podem ser expressas em qualquer escala arbitrária e com quaisquer divisões na escala escolhida. Todavia, há vantagem real em se adoptar as divisões da FIDE, que possibilitam a comparação entre as classificações pontuais da International Rating List e as das federações nacionais. Há também normalmente a preocupação de atribuir valores suficientemente elevados, de forma a que nenhum jogador tenha classificação pontual negativa.

A escala é arbitrária, pois no xadrez não existe uma unidade de medida constante ao longo do tempo, isto é, não existe um jogador-padrão cuja força se mantenha constante ao longo dos tempos e com o qual os outros jogadores possam ser comparados (um computador poderá ser tal jogador-padrão?). A maior aproximação a uma tal medida, que neste campo se pode obter, é a força dos jogadores com actuações internacionais regulares, por se encontrarem no apogeu da sua carreira, sobretudo os melhores jogadores mundiais. Trata-se, pois, de um escalonamento a partir de cima.

Pelo contrário nos fenómenos físicos há fenómenos reprodutíveis, como a vaporização da água e o seu congelamento que permitem a obtenção de pontos fixos nas escalas (arbitrárias) de Celsius, Kelvin ou Fahrenheit.

Igualmente ao conceito vulgar de **categoria** se faz corresponder arbitrariamente, o intervalo de 200 pontos na escala das classificações pontuais. Por definição, este intervalo mede agora o **desvio-padrão** dos resultados individuais em jogos isolados. O desvio-padrão é um importante conceito estatístico, o qual mede a dispersão de um conjunto de medidas, neste caso a dispersão dos resultados de jogos isolados em torno da sua média. A escolha do desvio-padrão como intervalo de categoria apresenta vantagens tanto na elaboração teórica dos sistemas de classificação como nas aplicações práticas. Assim se numa competição limitada a jogadores de uma categoria, uniformemente distribuídos, podemos esperar um bom nível competitivo, pois o jogador com melhor classificação pontual (meia categoria, ou 100 pontos, acima da média), tem 64% de vitórias prováveis e o jogador menos pontuado 36%

Como todas as escalas baseadas na sigmóide-padrão, esta escala tem uma "probabilidade linear": Se o jogador A é **d** pontos melhor que o jogador B, e o jogador X é **d** pontos melhor que o jogador Y, então as possibilidades de A ganhar a B são idênticas às de X ganhar a Y, independentemente do lugar na escala onde se situam.

Na escala da FIDE, os participantes no campeonato mundial têm geralmente cerca de 2 700 pontos, a maioria dos grandes mestres encontra-se entre os 2 500 e os 2 700 e os mestres internacionais encontram-se no intervalo 2 300-2 500. A esmagadora maioria dos participantes em torneios nacionais dispersam-se por pontuações abaixo dos 2 200 pontos, quando as classificações pontuais nacionais são aferidas pela lista da FIDE.

ERROS DE MEDIDA TESTES DE EFICÁCIA

É evidente que na aplicação do Sistema Elo se verificarão necessariamente pequenos erros de medida. Estes derivam de dois factos fundamentais:

a) A quantidade que queremos medir é continuamente variável. Na verdade não só a força de jogo não é constante, sobretudo nos jogadores novos, como há "performances" bastantes díspares nas várias competições.
b) O padrão de medida é ele mesmo mutável. As forças de jogo dos adversários, que servem de termo de comparação, também variam.

No exemplo do prof. Elo é como se pretendessemos determinar a que altura se encontra uma rolha boiando no mar encapelado, medindo-a com um metro que se fosse encolhendo e estendendo.

Esta imagem é talvez exagerada, pois o que é certo é que o Sistema Elo disfruta de aceitação crescente, dado o seu ajustamento à realidade. Para quem duvide há vários testes de eficácia. O mais simples e definitivo é a comparação entre os resultados esperados e os realmente conseguidos pelos jogadores nas competições. Trata-se, portanto, da capacidade de prever acontecimentos que determina a consistência de qualquer teoria. No Sistema Elo a sua validade pode ser aferida por:

a) Pelo menos 2/3 de todos os resultados devem cair no desvio-padrão dos resultados previstos.
b) 95% devem cair em duas vezes o desvio-padrão das previsões.

Discussão teórica

AINDA O SISTEMA VERESOV

Na RPX nº 16 publicamos uma inovação do candidato a mestre Judro, de negras contra Silic após:

1. d4 Cf6 2. Cc3 d5 3. Bg5 c5 4. Bxf6 exf6 5. dxc5 d4 6. Ce4 Bf5 7. Cg3 Bxc5!

DISCUSSÃO TEÓRICA

Sistema Veresov

Contudo análises post-morten de Sinizky com 8. Cxf5 Da5+ 9. Dd2! Bb4 10. c3 dxc3 11. De3+! De5 12. 0-0-0! viram o feitiço contra o feiticeiro.

Porém, não nos parece que 11...De5 seja obrigatório. E porque não 11...Rf8? Após 12. 0-0-0 Ba3 13. bxa3 Dxa3+ 14. Rc2 Cc6 15. Dxc3 Cb4+ 16. Rd2 Td8+ 17. Cd4 Dxa2-+ 18. Re1 Txd4 19. Txd4 Cc2+ 20. Rd1 (será este rei caixeiro-viajante?) Cxd4 21. Dxd4 Re7, com ideia de colocar a torre em jogo via d8, o que deverá forçar as B a procurarem o perpétuo.

Outra hipótese a estudar é 12...Cc6 tentando dar jogo activo à ala de dama, 13. Cd4 Cxd4 14. Dxd4 Tc8 ameaçando por exemplo 15...cxb2+.

Enfim, o Sistema Veresov promete vir ainda a dar que falar!

NIKSIĆ 78

Os super torneios parecem estar na moda, e seria até interessante que alguém elaborasse um estudo sobre os grandes torneios na história do xadrez.

Assim, após o colossal Bugojno (v. RPX nº 14), que se inseria na categoria 14 da FIDE (2588), a mais alta até agora registada, teve lugar de 6 a 22 de Junho na cidade jugoslava de Niksić, situada ao sul de Saravejo e a escassos 30 km do mar Adriático, um torneio que se inseria por sua vez na categoria 13 da FIDE (2571).

Sairam co-vencedores o jovem GM holandês Jan Timman, de 26 anos e que fora 3º em Bugojno, e um dos campeões nacionais soviéticos, o GM Boris Gulko, tendo ambos saído imbatidos num torneio que registou uma percentagem relativamente alta de empates, como se poderá constatar no quadro que reproduzimos abaixo. Decepcionante prova de Ljubojevic que fora 4º em Bugojno.

As sessões eram jogadas à tarde entre as 15.30 e as 20.30 e os adiamentos realizavam-se após as 22.30 h.

	NIKSIC —78		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	P	Cl.
1.	GULKO	URSS	●	½	½	1	1	1	½	1	½	1	½	½	8	1—2
2.	TIMMAN	Holanda	½	●	1	½	1	½	1	½	½	½	1	1	8	1—2
3.	VAGANIAN	URSS	½	0	●	½	½	1	½	½	½	½	1	1	6½	3
4.	HORT	Checoslováquia	0	½	½	●	0	1	½	½	½	½	1	1	6	4—5
5.	PORTISCH	Hungria	0	0	½	1	●	½	½	½	½	½	1	1	6	4—5
6.	GLIGORIC	Jugoslávia	0	½	0	0	½	●	½	½	1	1	½	1	5½	6—8
7.	RIBLI	Hungria	½	0	½	½	½	½	●	0	½	1	1	½	5½	6—8
8.	UHLMANN	DDR	0	½	½	½	½	½	1	●	0	1	0	1	5½	6—8
9.	ANDERSSON	Suécia	½	½	½	½	½	0	½	1	●	½	½	0	5	9
10.	LJUBOEVIC	Jugoslávia	0	½	½	½	½	0	0	0	½	●	1	1	4½	10
11.	VELIMIROVIC	Jugoslávia	½	0	0	0	0	½	0	1	½	0	●	1	3½	11
12.	IVANOVIC	Jugoslávia	½	0	0	0	0	0	½	0	1	0	0	●	2	12

GULKO — PORTISH
Espanhola

1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Ba4 Cf6 5. 0-0 Be7 (variante cerrada desta abertura) 6. Te1 b5 7. Bb3 d6 8. c3 0-0 9. d4 Bg4 10. Be3 exd4 11. cxd4 Ca5 12. Bc2 c5 (também é possível 12...Cc4 13. Bc1 c5) 13. dxc5 (se 13. Cbd2 cxd4 14. Bxd4 Cc6) dxc5 14. Cbd2 Cc6! 15. Tc1 Cb4 16. Bb1 Tc8 (16...c4!?) 17. h3 Be6 18. Cb3 Db6 19. Cg5 Tfd8 20. Df3 Cd7 (20...Cd3!?) 21. e5!g6 (se 21...Cf6 22. Cxh7! Cxh7 23. De4 e se Cf8 24. Dxb4; ou 21...Cxe5 22. Dh5 h6 23. Cxe6 Dxe6 24. Bxc5 etc.) 22. Dg3 Cf8? ! (talvez fosse mais correcto defender as casas negras do roque com 22...Cd5 23. Cxe6 Dxe6 24. Bh6 Bf8) 23. Ce4 Bxb3 24. axb3 Ce6 25. f4 Cd4 26. f5! (provavelmente as B teriam encontrado maiores dificuldades após 25...Cd3 ou mesmo 25...Cg7) Cxf5 27. Cf6+ Rh8 (para 27...Bxf6 28. Bxf5 Bg7 29. Bxc8 Txc8 30. Dg4! com vantagem, assim como após 27...Dxf6 28. exf6 Cxg3 29. fxe7 Te8 30. Bxc5) 28. Bxf5 gxf5 29. Bg5! Tg8 30. e6! (introduzindo novo factor de ataque: a diagonal a1-h8) c4+ 31. Rh1 f4 32. Dc3 Tg7 33. Ch5 f6 34. Bxf6 Bxf6 35. Dxf6 Tcg8 36. Cxg7 1:0

Se 36...Txg7 37. Ted1 Cd3 38. Txd3-— Gulko. Ou então 36...Txg7 37. Df8+ seguido de 38. Dxb4; ou, ainda mais fácil, 37. Dxg7+! Rxg7 38. e7 etc.

TIMMAN — GLIGORIC
Gambito de Dama

1. d4 d5 2. c4 e6 3. Cc3 c5 4. cxd5 exd5 5. Cf3 Cc6 6. g3 Cf6 7. Bg2 Be7 8. 0-0 0-0 9. Bg5 (I. 9. b3 Ce4 10. Bb2 Bf6 11. Ca4 cxd4, Espig-Novak, Stary Smokovec 1971!2; II. 9. a3 Be6 10. dxc5 Bxc5 11. b4 Be7 12. Bb2 Tc8 13. Cd4 Cxd4 14. Dxd4 b5, Rubinstein-Teichman, San Sebastian 1911, ambas com posição equilibrada; III. 9. dxc5 — 9...d4 10. Ca4 Bf5 11. Bf4 Be4 12. Tc1 Dd5 13. Db3+, Peterson-Koblenz 1964 — Bc5 10. Ca4 Be7 11. Be3 Bg4=; ou 10. Bg5 d4!⇒ cxd4 (com este lance em lugar de 9...Be6, Bg4 ou c4, procuraram tanto Keres como Spassky, durante anos, activar o jogo das negras) 10. Cxd4 h6 11. Be3 Te8 (O match de 1969 em Moscovo para o Campeonato do Mundo entre Petrosian e Spassky, prosseguiu com 11...Bg4 12. Cb3 Be6 13. Tc1 Te8 14. Te1 Dd7 15. Bc5 Tac8 16. Bxe7 Dxe7 17. e3 Ted8 18. De2+) 12. Tc1 Bf8 13. Cxc6 bxc6 14. Ca4 Cg4 (Uma ideia nova. Conhecido era 14...Bd7 15. Bc5 Bxc5 — ou 15...Ce4 16. Bxf8 Rxf8 17. Te1+, Tukmakov-Balashov, URSS 1972 — 16. Cxc5 Bg4 17. Te1+, Ljubojevic-Gligoric, Bugojno 1978) 15. Bc5 Bxc5 16. Cxc5 Df6 17. h3 Ce5 18. e4! Tb8 19. b3 Tb5 20. exd5 cxd5 21. Te1 (prega o cavalo e5 e ameaça jogar f2-f4) g5 (o peão de d5 está sempre tomado mesmo após o modesto 21...Td8, pois está atacado por duas peças, todavia o lance da partida dá a Timman um tempo oportuno para uma liquidação talvez não muito correcta) 22. Dxd5 Bb7

TIMMAN — GLICORIC
NIKSIC — 78

23. Ce4! (A grande diagonal deve permanecer obstruída) Cf3+ 24. Rh1 Txe4 25. Dxb5 Cxe1 26. Dxb7 Te2 27. Dxa7 Cc2 28. Rg1 Cd4 29. Tf1 Tb2 (as B conseguiram dois peões a mais e passados, mas as N exercem uma pressão bem activa com suas peças, e ameaçam já 30...Ce2+ seguido de 31...Cc3. Como as B se encontravam pressionadas pelo tempo, decidiram-se pelo rápido avanço do seu peão "a") 30. a4 Txb3 31. a5 Rg7 32. Td1 Tb4 33. a6 (porém, também este peão deverá cair) Ce2+ 34. Rh2 Tb6 35. Td7 Txa6 36. De3 Te6 37. Df3½.

VAGANIAN — TIMMAN
India de Dama

1. Cf3 g6 2. c4 Bg7 3. Cc3 c5 4. g3 b6 5. Bg2 Bb7 6. 0-0 Cf6 7. d4 Ce4 8. Cxe4 Bxe4 9. d5 0-0 10. Ce1 Bxg2 11. Rxg2 b5!? 12. cxb5 Db6 13. Da4? ! Db7 14. Dc4 d6 15. a4 a6 16. Ta3 axb5 17. axb5 Cd7 18. e4 Txa3 19. bxa3 Tb8 20. Bg5 h6 21. Bd2 Dxb5 22. Dxb5 Txb5 23. a4? Tb2 24. Cf3 Cb6 25. a5 (25. Ta1? ? Txd2!) Cc4 26. Td1 Ta2 27. Rf1 Cxd2 28. Txd2 Txa5 29. Tc2 Ta4 30. Cd2 f5! 31. f3 Rf7 32. Cc4 Bd4 33. Re2 Rf6 34. Rd3 Tb4 35. Cd2 Bg1 36. h3 Bf2 37. Cf1 Tb3+ 38. Rc4 Tb4+ 39. Rd3 fxe4+ 40. fxe4 Bd4 41. Cd2 Be5 42. g4 Td4+ 43. Re3 g5 0:1 pois às B nada resta após 44...Bf4+.

TORNEIOS DIVERSOS

TITOVO — UZICE

A Jugoslávia tem vindo a encarar muito a sério a preparação dos seus jogadores para o Zonal que em breve terá lugar em Portugal. Após Niksić coube a vez à cidade Titovo-Uzice, na Sérvia, 70 km a este de Saravejo, de realizar mais um torneio internacional. Desta feita **Ljubojevic** redimiu-se da sua actuação em Niksić tendo ganho a prova com 10 pontos em 13 possíveis. A 2ª posição foi para o checoslovaco Smeykal com 9. Seguiram-se-lhes 3º Raykovic GM, também da Jugoslávia, com 8; 4º Ermenkov GM, da Bulgária com 7½; 5ºs Andersson GM, da Suécia, Bagirov MI, da URSS e Kuraiza da Jugoslávia, todos com 7.

LUXEMBURGO

Van Baarle ganhou em Bad Mondorf, entre 193 participantes, o Campeonato aberto do Luxemburgo. Nos dois anos transactos o torneio havia sido ganho por René Monen, que desta vez se quedou por um lugar modesto.

A edição do presente ano foi, aliás, bastante mais forte que as anteriores, tendo-se inscrito, entre outros, 120 alemães e 20 holandeses.

Eis a partida que o vencedor da prova disputou na 5ª ronda:

VAN BAARLE — ABENDROTH
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. Bb5+ Bd7 4. Bxd7+ Dxd7 5. c4 Cf6 6. Cc3 g6 7. d4 cxd4 8. Cxd4 Cc6 9. f3 Cxd4 (9...Bg7 obrigava a que se defendesse com 10. Be3 a casa d4) 10. Dxd4 Bg7 11. (aqui já não é jogável 11. Be3 0-0 12. Dd2 por causa de 12...Tc8 13. b3 b5!, ameaçando Cxe4!) 0-0 12. Dd3 Dc6? ! 13. Tc1 Tfe8 (era melhor 13...Tfc8) 14. b3 a6 15. 0-0 Cd7 16. Be3 Cc5 17. Dd2 b5 18. Cd5 Db7 19. Tc2 (e não 19. cxb5 axb5 20. Bxc5 dxc5 21. Txc5 e6 22. Cc7 Td8 23. D joga e Bd4+) Tac8 20. Tfc1 Rf8 ! (as negras receavam 21. cxb5 axb5 22. b4 Ce6) 21. b4 Ca4 (conclui-se após o termo da partida que, se 21...Cd7, não era bom 22. c5 por causa de Ce5. Todavia, após 22. cxb5 Txc2 23. Dxc2, as brancas dominavam a coluna c, e, se 22...axb5 em vez de Txc2, então 23. Tc7) 22. c5 dxc5 23. bxc5 Dc6 24. Cb4 (um pouco melhor era Cb6) Da8 25. c6 Ted8 26. De2 (aqui Van Baarle pensou durante bastante tempo em 26. Dd7 Txd7 27. cxd7 Td8 28. Tc8, porém a ideia deixou de lhe agradar quando viu 26...Bc3, ao que se poderia seguir 27. Bh6+ Rg8 28. Dxe7 Ted8, com posição pouco clara) e6 (tirando o salto d5 ao cavalo) 27. c7 Td7 28. Tc6 a5 29. Ta6 (ganhando a dama) Db7 30. Ta7 Dxa7 31. Bxa7 Cc3 (para 31...axb4 32. Dxb5) 32. Txc3 Bxc3 33. Ca6 Txc7 34. Cxc7 Txc7 35. Dxb5 Rg7 36. Bb6 Tc8 37. Dd7 Tb8 38. Dc7 1:0

ACIONAL

JURMALA 78

O GM soviético David Bronstein, de 54 anos, e antigo pretendente ao ceptro mundial (tendo chegado a igualar um match com o então campeão do mundo Mikhail Botvinnik em 1951), foi o vencedor destacado dum torneio internacional de categoria 9 da FIDE, que teve lugar em Jurmala, perto de Riga (Lituânia).

A federação Latvia intenta com esta prova, ao que supomos, reavivar o famoso torneio Kemeri 1937, no qual participaram renomados jogadores da época como os então vencedores Salo Flor, Petrov, Samuel Reshevsky, seguindo-se-lhes Paul Keres e Alexander Alekhine (este último que lutava na ocasião por recuperar o título mundial perdido a favor de Eüwe), Lazlo Szabo, Stalberg e Mikenas, entre outros.

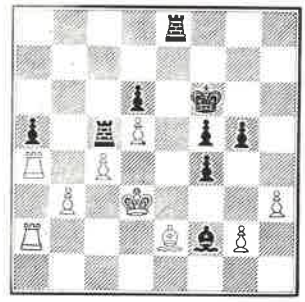
Bronstein, em boa forma, obteve 10 pontos de 15 possíveis, seguindo-se-lhe 2os Gufeld GM (URSS) e Knaak GM (DDR) 9; 4º Taimanov GM (URSS) 8 1/2; 5os Ermenkov GM (Bulgária), Lutikov GM (URSS) e Sahović MI (Jugoslávia) todos com 8; 8os Gipslis GM, Klovan MI e Witolinsch (todos da URSS) com 7 1/2; 11os Kirpitschnikov e Lanka (ambos da URSS), Ligterink MI (Holanda) e Nogueiras (Cuba) todos com 6 1/2; 15º Westerinen GM (Finlândia) 6 e 16º Schneider MI (Suécia) 5.

BRONSTEIN – LUTIKOV
Gambito Stauton

1. d4 f5 2. e4 (2. g4!? seria o gambito Lisboa) fxe4 3. Cd2 (Mais usual é 3. Cc3 Cf6. Aqui as B têm dois planos principais para acelerar o desenvolvimento de suas peças: 4. f3, que é tido como o mais activo ou 4. Bg5 tentando debilitar a ala de rei adversária antes de definir a estrutura central. Por ex: 4...Cc6!? sendo o mais eficiente 5. d5 Ce5 6. Dd4 Cf7. Também são viáveis ao 4º lance das N c6, b6, e6 e d6. Mau é 4...d5, pois segue-se 5. Bxf6 exf6 6. Dh5+ e 7. Dxd5) Cf6 (Curiosamente também Bronstein já chegou a utilizar esta variante com N) 4. f3 Cc6 5. c3 (Interessante continuação que justifica o porquê de 3. Cd2. Se 5. fxe4 e5 6. Cgf3 como na partida Lasker-Steiner, USA 1951; Rolf Schwarz propõe aqui como favorável para as N 6...exd4 7. Cgf3 d5 8. e5 dxc3 9. bxc3 Ce4 10. Dc2 Bf5 11. Bd3 De7 12. Cxe4 dxe4 13. Bxe4 Bxe4 14. Dxe4 Dc5 15. Be3 Dxc3+ 15. Rf2 Bc5 17. Bxc5 Dxc5+ 18. Rg3 0-0 (A posição das N aparenta ser perfeitamente sã) 19. Tabl Tae8 20. Thcl (Nota-se que Bronstein apreendeu na íntegra os ensinamentos de Nimzovitch na sua monografia "Mi Sistema". Com efeito o aproveitamento das colunas abertas e a dobragem de torres na 7ª horizontal decidirão rapidamente a contenda. Devido a isso após...) Da5 21. Txb7 Cxe5 22. Tcxc7 (...Lutikov abandona) 1:0

LANKA – KNAAK
Siciliana

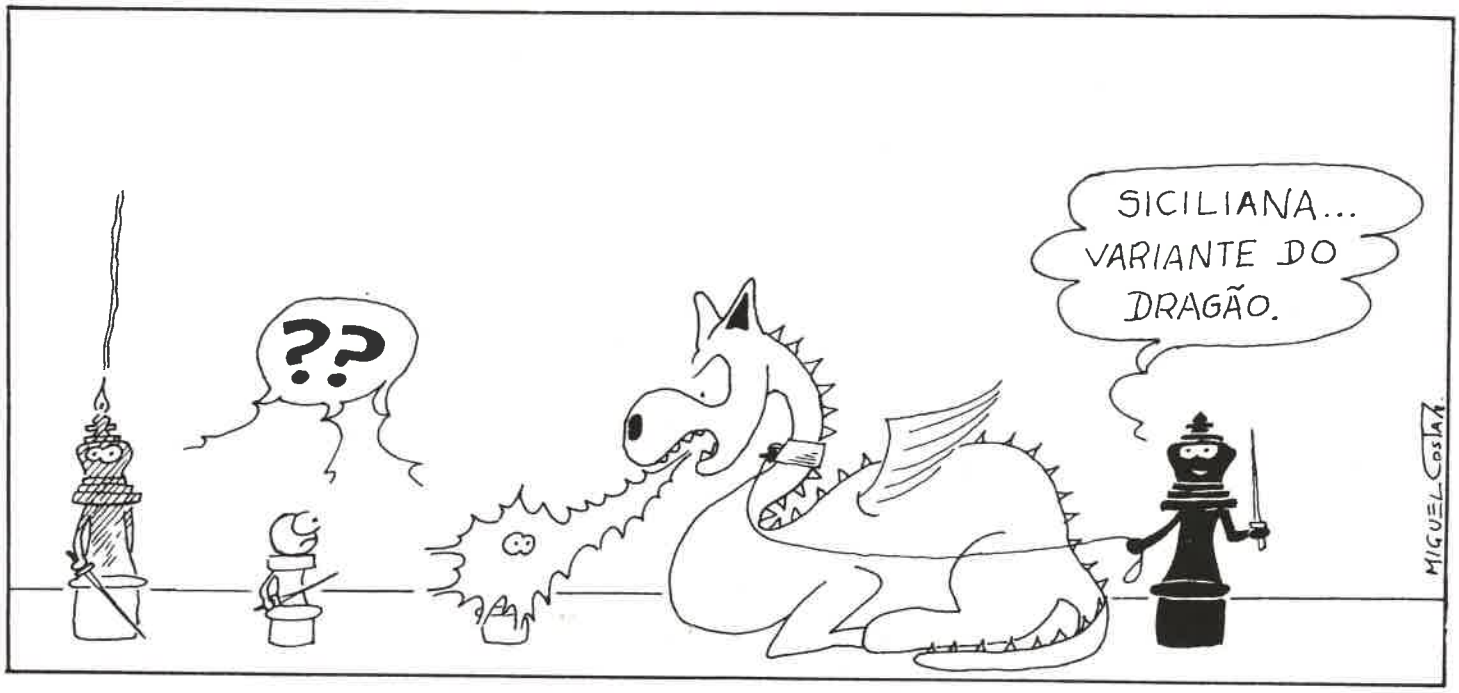
1. e4 c5 2. Cf3 e6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 d6 6. g4 (Ataque Keres) h6 (Incorrecto seriam tanto e5 como d5 com vantagem das B. Bom é também 6...Be7 7. g5 Cfd7 8. Tg1 a6 9. Be3 b5 10. a3 Bb7 11. h4 –11. f4!? – Cc5 12. f3 Cc6 13. Cxc6 Bxc6 14. Dd4 0-0 15.0-0-0 Dbn8=,Matulovic-Padevsky, 01. de Lugano 1968) 7. g5 hxg5 8. Bxg5 Cc6 (Outra possibilidade seria 8...a6 9. Bg2 Bd7 10. De2 Be7 11. 0-0-0 Dc7 12. h4 Cc6 13. f4 0-0-0 14. f5+ Geller-Korchnoy, match de Moscovo 1971) 9. Dd2 Db6 (Se 9...a6 10. 0-0-0 Bd7 11. h4 Dc7 12. Be2 0-0-0 13. f4 Be7 14. h5+ como na partida Karpov-Smith, San Antônio 1972) 10. Cb3 Ce5 (A sequência 10...a6 foi ensaiada por Krogius em 1971 contra Romanishin. Seguiu-se 11. 0-0-0 Bd7 12. Bf4! Ce5! 13. Be3 Dc7 14. f4+) 11. De2 Bd7 (Na partida Gipslis-Sax, Amsterdão 1976, as N seguiram um plano semelhante com 11...Dc7 12. h4 Bd7 13. 0-0-0 Tc8 14. h5 Cc4 15. Th3) 12. 0-0-0 Tc8 13. h4 a6 14. Th3 Dc7 15. f4 Cc4 16. Thd3 Ch7 17. e5!? (Para 17. Cd5 Db8) Cxg5 18. hxg5 d5 19. g6 fxg6 20. Dg4 Th6 21. Th3 Txh3 22. Dxh3 Rf7? (Francamente melhor teria sido contra-atacar por meio de 22...Db6. Agora as B vão transferir todas as suas peças para o ataque sobre a debilitada ala de rei adversária) 23. Bg2 Cb6 24. Cd4 Bc5 25. Cf3 Be3+ 26. Rb1 Bxf4 27. Tf1 Rg8 28. Ch4 Bh6 29. Cxg6 Te8 30. Df3 Cc4 31. Df7+ Rh7 32. Ce4 (Lanka omite aqui a correcta ruptura 32. Bxd5!) dxe4 33. Cf8+ Rh8 34. Cxd7? ? ? (Tudo se esfuma. A última chance B consistia no empate quer com 34. Dg6 Ca3+ 35. bxa3 Db6+ 36. Ra1 Dd4+ quer com 34. Cg6+ Rh7 35. Cf8+ já que não é possível 35...Txf8 devido a 36. Bxe4+ Rh8 37. Dxf8 com mate) Cd2+ 35. Ra1 Td8 36. De7 Cxf1 37. Bxe4 Dxd7 0:1



Posição depois do lance 34 das negras

A posição aparenta estar igualada, pois os bispos são de cor contrária. Gufeld jogou 35. Txa5 (Provavelmente aguardando 35...Te3+ 36. Rd2 Txa5 37. Txa5 Txb3 ⇒ ao que o búlgaro replicou com 35...Be1!! 36. Txc5 Te3+ 37. Rc2 (Única, pois se 37. Rd4 Bc3++) Txe2+ 38. Rb1 Txa2 39. Tc6 Txg2 40. Txd6+ Rf7 41. c5 f3 42. Td7+ Re8 43. c6 f2 44. d6 f1D 45. Te7+ Rf8 o:1

SOBREDA ANTUNES

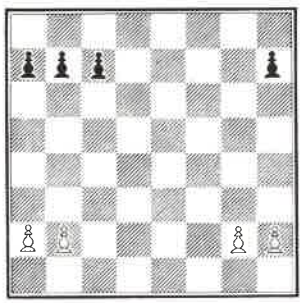


Nos artigos anteriores mencionámos por diversas vezes a importância da estrutura dos peões numa partida de xadrez. É chegada a altura de aprofundarmos a questão. Os peões são peças adequadas (as mais económicas) para defender pontos estratégicos importantes, como consequência, é um objectivo de qualquer jogador iludi-los ou impedi-los de exercerem este papel.

Assim, conforme estão colocados, surgem casas especialmente favorecidas ou desfavorecidas, denominadas casas fortes e fracas. Estas são transformadas em casas fortes, onde se organizam os exércitos para atacar e defender livremente, protegidos como estão pelas forças aí estabelecidas (isto é, com as costas quentes!). Convém, portanto, obter casas fortes e evitar as fracas, facto que se procura com o enfraquecimento dos peões adversários minando continuamente a sua estrutura, e com a defesa face a iguais intentos por parte dos nossos *inimigos*.

Mais ainda, o avanço dos peões representa, muitas vezes, a abertura de diagonais e colunas importantes, o debitamento da posição adversária, o aparecimento de peões passados, etc. O peão tem como compensação da sua dificuldade de movimentos uma característica fundamental, muitas vezes decisiva, monopólio seu: chegado à 8ª linha, é promòvida . Aí o aguarda um aumento substancial do seu valor, capaz de desequilibrar qualquer tipo de posição. Como antítese, é também a peça mais capaz (mais económica) de travar peões contrários. Iludidas estas defesas, representadas pelos congéneres adversários, no caminho dum peão, ficamos ante um peão *passado* (em relação aos adversários), cujos únicos obstáculos a transpor são constituídos pelas peças adversárias. É fundamental o seu bloqueio. Nos finais de peões, por definição, unicamente existem sobre o tabuleiro reis e peões. A única peça capaz de travar este peão é o rei contrário. Temos, portanto, que iludir, a vigilância somente de uma peça adversária, e daí que o valor dos peões passados aumente extraordinariamente com a simplificação, atingindo o máximo nestes finais.

DIAGRAMA 1



No flanco de rei temos dois peões brancos contra um negro (maioria branca). No flanco de dama, dois brancos e três negros (maioria negra). É lógico pois, que as brancas e negras consigam um peão passado no primeiro e segundo casos, respectivamente. Da competição sairá vencedor aquele que mais rapidamente promover o seu peão. Não só interessa conseguir o peão passado como promovê-lo o mais depressa possível. Saem as brancas. Com 1. h4, que seria imediatamente respondido com 1...h5!, as brancas viam-se, de súbito impossibilitadas de obter o seu peão passado, perdendo no outro flanco. Um único peão negro detém dois brancos. Uma minoria detém uma maioria. Como corolário, uma maioria negra existirá algures disposta a confirmar os seus créditos. Neste caso, surge no flanco de dama a hipótese de o segundo jogador aproveitar a superioridade de forças claramente desperdiçadas num outro flanco pelo adversário. O nome técnico do peão *g2* é o de peão *atrasado*. Atrasado em relação aos demais, incapaz de avançar, não podendo obter o apoio de outros peões companheiros, este peão constitui uma séria debilidade, exigindo constante protecção de que enferma a posição branca.

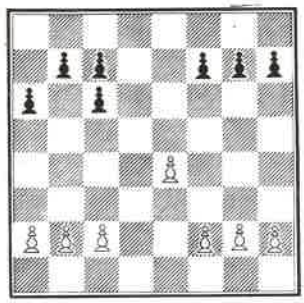
A casa *g4*, controlada por *h5*, é o exemplo da precipitação branca com 1. h4? ?. Por outro lado, 1. h3 ou 1. g3 não satisfazem a condição de ser rápido. A jogada correcta é **1. g4!**. Passando ao flanco de dama, encaremos o problema das negras. 1...b5? ? constituiria repetição do erro, pois, após **2. b4!**, a maioria estaria paralisada, com os peões *c7* e *a7* atrasados e inúteis. O peão *a7*, por outro lado, tem doi obstáculos a vencer, *a2* e *b2*, enquanto *c7* só tem que transpor *b2*. É natural, pois, *1...c5!*. A 1...a5 seguiria 2. h4, e as pretas teriam de recorrer, mais tarde ou mais cedo, aos peões *b7* e *c7*. Pretendem agora o normal 2. h4 b5 3. g5 c4 4. 2. a4!, lance preventivo que obriga à perda de uma preciosa jogada para preparar b5. 2...a6? 3. a5! seria completamente inútil. **2...b6 3. h4 a6 4. g5 b5 5. axb5 6. h5 c4 7. g6**, e as brancas chegam primeiro.

Para obter um peão passado numa maioria deste tipo, é conveniente avançar primeiro o peão que não tem adversário na mesma coluna, que será o candidato à promoção. De um modo geral, os peões devem avançar unidos, de modo a protegerem-se mutuamente de um possível bloqueio. Jogando as negras, ainda seriam as brancas a atingir a 8ª em primeiro lugar. Tal facto tem uma explicação simples. *A maioria é tanto mais rápida quanto menos peões existirem.* Concretizando: a maioria de três peões contra dois é mais lenta que a de dois contra um, e esta por sua vez mais lenta que a de um contra zero.

Com mais peões este conceito perde significado. A maioria de quatro contra três comporta-se na prática como uma maioria de três contra dois. Adicionando ao diagrama dois peões em *d7* e *c2*, temos 1...d5 2. b4 c6, seguido de b6 e c5. Os peões *a* não chegam a participar na luta.

Temos trabalhado com maiorias perfeitamente sãs, onde obter um peão passado é tarefa fácil. Tais maiorias são denominadas móveis.

DIAGRAMA 2

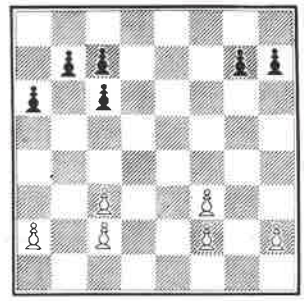


Temos presente no flanco de rei uma maioria móvel que conduz facilmente à obtenção de um peão passado. No outro flanco, a maioria é negra, mas apresenta peculiaridades que terão necessariamente que ser estudadas.

Não existe propriamente o peão que designámos por candidato, havendo em sua substituição dois peões dobrados na coluna *c*. Jogando o que jogarem, as negras não conseguirão passar um peão. Por exemplo: 1...c5 2. c4 b5 3. b3!, e às brancas basta manterem-se estáticas. Podem inclusivé permitir o avanço (não demasiado!) dos peões adversários: 1...c5, 2...b5, 3...c4, 4...b4 5. c3! a5, 6...a4! 7. a3!, (necessário para impedir 7...a3!, mas suficiente para destruir o plano negro). O complexo de peões dobrados constitui assim uma séria debilidade.

As brancas têm virtualmente um peão a mais no outro flanco, que lhes bastará para a vitória, em condições normais, pois o adversário não se pode opor à obtenção de um peão passado. Se transformássemos a posição mudando a situação do peão *e4* para *d4*, já não teríamos maioria branca. Fazendo as brancas o que fizessem, os peões negros resistiriam ao avanço dos peões adversários. É impossível passar um peão. O complexo dobrado é mau de um ponto de vista ofensivo, mas defende bem, como se de peões normalmente colocados se tratassem. Como nota: tais peões surgem quando somos obrigados a retomar uma peça com um peão, situando dois peões na mesma coluna. A estrutura do diagrama é fruto de uma variante da Defesa Espanhola, 1. e4 e5 2. Cf3 Cc6 3. Bb5 a6 4. Bxc6 dxc6 5. d4 exd4 6. Dxd4 Dxd4 7. Cxd4, conhecida há bastante tempo, e onde as brancas buscam uma simplificação que conduza ao final exposto, enquanto as negras buscam contrajogo no par de bispos.

DIAGRAMA 3



Vamos agora estudar este complexo de peões. No flanco de dama defende-se contra o mesmo complexo do exemplo anterior e no flanco de rei tenta ultrapassar a barreira que lhe é apresentada. Podemos concluir com um mínimo de esforço que a defesa terá êxito e o ataque será ineficaz.

No primeiro caso temos: 1...c5 2. c4 c6 3. a4 b5 4. a5!, ou 1...b5 2. c4! 1...a5 2. c4 a4 3. c5 b5 4. c3! ou 3...b6 4. a3! b3 5. c3! É flagrante a debilidade do complexo negro. Retirando o peão de *c6* e colocando-o em *d7*, tudo era diferente. O avanço sistemático 1...d5, 2... c5, 3... b5, 4... a5 5. a3 b4 6. axb4, axb4 7. cxb4, 8. d4, seguido de d3 ou b3, conduzirá a uma rápida vitória.

A opinião favorável aos peões dobrados formulada até agora em consequência do seu excelente comportamento defensivo é radicalmente transformada olhando para o flanco de rei. É extraordinariamente fácil obrigar à paralisação dos peões brancos, que se consegue com o lance 1...h5 ou 1...h6. O único "barrete" existente na posição consiste no sacrifício em *h6*, passando o peão f: 1. f4, 2. f5, 3. h4, 4. h5 e 5. h6. Basta, no entanto, o avanço do peão negro *h* avanço que pode ser retardado e executado só quando os peões brancos estiverem em *f5* e *h5)* para destruir esta possibilidade e pôr a nu a fragilidade da estrutura branca. Os peões dobrados devem ser evitados, ou, *no mínimo, deve exigir-se qualquer forma de compensação por uma estrutura deste tipo.* Se bem que, em algumas posições, não representem especial debilidade, são, na maior parte delas, notavelmente fracos e mesmo inúteis. (Compete ao jogador concluir em que posições os peões dobrados não constituem debilidade. Dentro desta ordem de ideias, se, no segundo diagrama, colocarmos o peão *b2* em *c3*, isto não representa prejuízo de maior para as brancas.

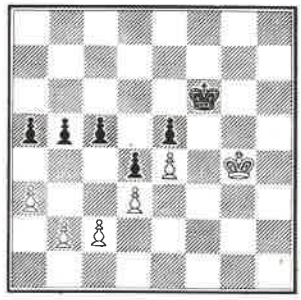
O único objectivo dos peões *a2, c2* e *c3* — deter o avanço dos peões negros — é conseguido perfeitamente.)

A região onde se situam os peões está normalmente infestada de casas fracas, por onde passeiam, intocáveis, as peças imunes ao perigo que para elas representa o serem atacadas por peões. No diagrama, *c4, a3,* e *b2*, os próprios *c3, c2* e *a2, f4, h3* e *g2* e ainda *f3, f2* e *g2*, requerem uma atenção constante, manietando as forças brancas à sua defesa. *c4* e *f4* são especialmente débeis. Um cavalo protegido aí colocado é particularmente forte, pois domina o centro do tabuleiro e só com muita dificuldade, pode ser expulso. Incapazes de se protegerem uns aos outros, sem autonomia necessitam de dispêndio de esforço em seu benefício, trabalho esse que poderia ser utilizado em qualquer outra função mais lucrativa.

PARA EXERCITAR

DIAGRAMA 4

DIAGRAMA 5



Solução dos anteriores:

BB — *Rb2, d5, e5;* PP — *Rc7, e7.* **1...Rb6** (a única chance das negras consiste no ataque imediato aos peões, aproveitando a má colocação do rei branco) **2. Rc3 Rc5 3. d6! Rc6!** (e não 3...exd6?) 4. e6! Rc6 5. Rd4! Rc7 — ou 5...d5 6. Re5 d4 7. Rf6 d3 8. e7 — 6. Rd5 Rc8 7. Rc6! Rd8 8. Rxd6, ganhando) **4. Rd4 Rd7!** e empatam.

BB — *Rc3, a4, b5;* PP — *Rc5, a5.* Obtém-se a vitória ocupando *c5* em determinadas circunstâncias. **1. Rd3 Rd5 2. Re3 Re5 3. Rf3 Rd5** (as negras não podem agora opor-se, pois o rei abandonaria o quadrado do peão *b5*, que imediatamente correria para a promoção) **4. Rf4 Rd6 5. Rc4 Re6 6. Rd6 7. Rc4 Rc7 8. Rd8!** (era um erro grosseiro jogar 8. Rc5 Rb7 9. b6? ? Ra6 1/2: 1/2, pois c6 está interdito. As brancas devem ocupar *c5*, estando o rei negro em *b7*) Rb6 (ou 8...Rd7 9. b6 Rc8 10. Rc6) **9. Rd6 Rb7 10. Rc5! Rc7 11. b6+Rb7 12. Rb5** e **13. Rxb6.** Deslocando a posição uma coluna para a direita, tais cuidados não seriam necessários, pois não existiria afogado.

JOSÉ PEREIRA DOS SANTOS

PARTIDAS COMENTADAS

LUÍS OCHOA (G.C.Figueirense) — **ANTÓNIO CARRETAS** (C.A.Alvalade)
Corr. — Camp. Nac. Equipas 1977
Francesa

1. e4 e6 2. d4 d5 3. Cc3 Bb4 4. e5 b6 (variante cujo objectivo é a troca dos bispos de casa branca via *a6*. A variante mais usada é o ataque ao centro com c5, seguido de Cc6 e Dc7) **5. a3** (exige uma definição ao bispo em *b4*. No entanto, parece mais forte 5. Dg4 Bf8 6. Cf3 Cc6 7. Be2 Dd7, com mais liberdade de movimentos para as brancas) **Bxc3+ 6. bxc3 Dd7** (imediatamente Ba6 seria mau, devido a Dg4, provocando a debilitação no flanco de rei negro) **7. Dg4 f5 8. Dg3 Ba6 9. Bxa6 Cxa6 10. Ce2 Rf7 11. Cf4 Ce7 12. Dd3?** ! (o problema das brancas nesta posição é o desenvolvimento do bispo de *c1*. Considerando a posição do ponto de vista estático, o bispo é mau, razão pela qual as brancas deveriam dinamizar a posição, tentando um plano de jogo em ambos os flancos. A resposta a este problema estava em 12. a4, conseguindo a diagonal *a3-f8* para o bispo, donde dificultaria a ruptura negra c5) **Da4!** (impede a4, defende o *Ca6* e impede a possível ruptura c4) **13. 0-0 c5 14. Dh3** (apercebendo-se da ineficácia do plano anterior, as brancas iniciam uma ofensiva no flanco de rei) **Dxc2!** (como o posterior curso da partida mostrará, as negras podiam capturar este peão sem perigo) **15. Dh5+ Cg6** (15...g6 16. Dg5 e as brancas teriam vantagem) **16. Be3 cxd4 17. Tac1 Da4 18. cxd4 Dd7 19. Ch3** (as brancas, a troco do peão, conseguiram o domínio da coluna *c* e alguma actividade sobre o rei negro. Agora ameaçam Cg5+, seguido de Cxh7) **Rg8! 20. f4?** ! (corta a actividade ao bispo. Um plano mais coerente com a posição seria Tc2, seguido de Tac1) **Cf8!** (com as duas últimas jogadas, as negras iniciaram um interessante plano de reagrupamento, que consiste em avançar os peões a *h6* e *g6* e, seguidamente, jogar as duas torres à 2ª linha, donde anularão a vantagem branca na coluna *c*) **21. Tc3** (uma manifestação activa via g4 falhava por 21...Df7 22. Dh4 fxg4 23. Dxg4 Df5) **h6 22. Tfc1 g6 23. De2 Db7 24. g4?** ! (as brancas não se dão conta da correcção do plano negro. Mais de acordo com a disposição das suas peças seria 24. Db5 Th7 25. Dc6 Td8, com a ideia de T8d7 e Tc7; ou, ainda melhor, 24. Tc6! Th7 25. Bd2 Td8 26. Bb4 Cxb4 27. axb4 a5!, com ligeiríssima vantagem negra) **Th7 25. Dg2** (a 25. gxf5 seguir-se-ia 25...exf5 e, depois, Cc7 e Cce6) **Tg7 26. Rh1 Td8 27. Bf2 Td7 28. Dg3 Tc7** (o primeiro objectivo das negras é finalmente atingido) **29. Dh4 Txc3** (as trocas favorecem as negras que têm um peão a mais) **30. Txc3 fxg4 31. Dxg4 Tc7 32. Tg3 Tc1+ 33. Bg1 Df7 34. f5!** (única hipótese branca. A troco do sacrifício do peão, as brancas dão jogo ao cavalo via *f4*, e conseguem um peão passado) **Dxf5 35. Dxf5 exf5 36. Cf4** (e6? seria mau devido à resposta Te1) **Rf7 37. Cxd5 Ce6 38. Tc3 Td1 39. Tc4** (a troco do peão, as brancas conseguiram uma posição muito activa para a torre e o cavalo. Agora ameaçam Ta4) **f4!** (com o objectivo de atacar a débil posição do rei e bispo brancos, as negras iniciam com este lance uma interessante operação que finaliza artisticamente a partida) **40. Cc3 Tc1 41. d5 f3! 42. Ce4 Txc4 43. Cd6+ Re7 44. Cxc4 Cf4 45. d6+ Re6 46. Be3 Cd3 47. Bxh6 Cac5 48. Be3 Cd7 49. Bd4 Rd5 50. Ce3+** (com os seus últimos lances, as brancas tinham conseguido recuperar o peão a menos e defender os centrais. Com Ce3+, as brancas aacreditavam obrigar a Re6, impedindo o avanço dos peões centrais, mas...) **Rxd4! 51. e6 Rxe3 52. e7 f2 0:1** (dado que, depois de 53. e8D+ C7e5 54. Rg2 Re2 55. Df8 Ce1+, e o peão vai à 8ª).

J.ANTÓNIO MIRALLES — JOÃO SEQUEIRA
Viana do Castelo 1978
Siciliana

1. e4 c5 2. Cf3 d6 3. d4 cxd4 4. Cxd4 Cf6 5. Cc3 a6 6. Bg5 e6 7. f4 Db6 (uma variante que Fischer jogou em muitas ocasiões) **8. Dd2** (se as brancas não querem entregar o peão, podem jogar. 8. Cb3 e depois de 8... De3+ 9., De2 Dxe2 a partida fica igualada) **Dxb2 9. Tb1** (a continuação que se prefere modernamente é 9. Cb3) **Da3 10. f5** (segundo as últimas análises, só esta continuação é perigosa para as negras. Anteriormente jogava-se 10. e5 ou 10. Bxf6) **Cc6** (necessário porque se 10...Be7? 11. fxe6 fxe6 12. Bc4 e o ponto *e6* ão tem boa defesa) **11. fxe6 fxe6 12. Cxc6 bxc6 13. e5 dxe5** (isto é melhor que 13...Cd5 14. Cxd5 cxd5 15. Be2 dxe5 16. 0-0 Bc5+ 17. Rh1 Tf8 18. c4! e as brancas têm um ataque muito forte) **14. Bxf6 gxf6 15. Ce4 Be7 16. Be2 h5** (uma ideia de Fischer — se 16...0-0 17. Tb3 dá às brancas um ataque muito forte) **17. Tb3 Da4 18. c4 f5 19. 0-0** (o sacrifício da peça é a melhor forma de continuar o ataque porque a continuação 19. Cd6 Bd6 20. Dxd6 Rf7 deixa às negras uma boa defesa) **fxe4 20. Rh1** (uma jogada pouco utilizada, ideia de Spassky. A continuação normal é 20. Dc2) **Ta7** (aqui devia ter-se em consideração tanto 20...c5 como 20...Bd7) **21. De3 Tc7** (depois de 21...Tb7 22. Txb7 Bxb7 23. Da7 é muito forte porque se 23...Dxa2 24. Db8+ Bd8 25. Dxb7 ganha, e se 23...Db4 24. Db8+ Bd8 25. Dxe5, com vantagem decisiva. É de considerar 21...c5) **22. Dxe4 Tf8?** (perde imediatamente. Possivelmente o melhor será 22...Rd8, embora as brancas tenham um ataque muito forte em troca da peça) **23. Dg6+ Rd8 24. Txf8 Bxf8 25. Df6+ Be7 26. Dh8+ Rd7 27. Td3+ Bd6 28. Dg7+ Rd8 29. Df8+ 1:0**

(comentários de ANGEL MARTIN)

J. COSTA CABRAL — JOSÉ MORGADO
Abertura Reti

1. Cf3 d5 2. c4 c6 3. b3 Cf6 4. Bd2 e6 (restringindo a acção do bispo de dama. A teoria indica duas variantes em que as pretas conseguem libertar este bispo: 3...Bf5 4. g3 Cf6 5. Bg2 e6, sistema de Lasker, ou 4...Bg4 5. Ce5 Bh5 6. g3 e6, linha de Capablanca)

5. g3 Be7 6. Bg2 0-0 7. 0-0 Cbd7 8. d3 Db6 9. Cbd2 (com a intenção de responder a 9...dxc4 com 10. Cxc4, atacando a dama e controlando o centro)

Td8 10. Tc1 Da6 11. Tc2! (evidentemente que se não pode tomar o peão *a2* por 12. Bxf6, ganhando peça)

b5 12. cxb5 (melhor que cxd5, já que, após 12...Cxd5, as pretas abririam a coluna *d* com forte pressão na ala de dama. Com o lance do texto as brancas evitaram as complicações que poderiam surgir depois de 12. Cd4!? . Por exemplo: — 12...e5 13. cxd5 exd4 14. dxc6 Ce5 15. c7 ou 12...e5 13. cxd5 cxd5 14. Cc6 Te8 15. Cxe5 ou ainda 12...bxc4 13. Cxc4 dxc4 14. Cxc6 Te8 15. Cxe7+ Txe7 16. Bxa8, etc.)

cxb5 13. Da1 Bb7 14. h3 Ce8 15. Tfc1 Bf6 16. Bxf6 Cdxf6 (concluída a abertura, as brancas dispõem de ligeira vantagem posicional, devido ao melhor desenvolvimento das suas peças, que controlam a coluna *c* e a grande diagonal negra)

17. Ce5 Tac8 18. Cdf3 Dd6 (erro posicional grave que, quase paralisando o cavalo de *e8*, impede a defesa da casa *f7*. Melhor era 18...Cd6. Nesta altura, as brancas podiam jogar já 19. Cg5, com ganho do peão *e7* através de 19...Txc2 20. Txc2 Da8 21. Cgxf7. No entanto, depois de 21...Tc8 22. Txc8 Dxc8 23. Cg5 Dc2, o final resultante parece difícil de forçar. Esta análise levou as brancas a optarem pela centralização da sua dama, ameaçando o peão *a7*)

19. Dd4! Txc2 20. Txc2 a6 (se as pretas jogam agora 20...h6 para impedirem a entrada do cavalo em *g5*, segue-se 21. Dxa7, com vantagem decisiva)

21. Cg5 Db8 22. Cgxf7 Tc8 23. Txc8 Dxc8 24. Db6 (percebe-se melhor agora o interesse da centralização da dama branca, já que este lance não só impede às pretas a recuperação do peão através de 24...Dc2, como ameaça retirar o cavalo por *d8*, com duplo ataque sobre o bispo de *b7* e o peão de *e6*)

Cd7 25. Dxe6! (o melhor, pois se 25. Cxd7 Dxd7 26. Cg5 Bc8 ou 26. Ce5 De7, e em ambos os casos as pretas defendem-se satisfatoriamente. Com 25. Dxe6, as brancas ameaçam mate com 26. Ch6+ Rh8 27. Cf7++ ou 27. Dg8++ e se 26...Rf8 27. Df7++)

Cxe5 (única jogada para não perder imediatamente. Agora já não serve 26. Ch6+ Rf8 27. Dg8+ Re7, pois o rei escapa ao mate, ficando as pretas com uma peça por três peões depois de 28. Dxh7. Por isso, as brancas decidem-se pela liquidação rápida)

26. Dxc8 Bxc8 27. Cxe5 o que leva a um final tecnicamente ganho. A partida continuou

Be6 28. b4 Cd6 29. g4 Rf8 30. f4 Re7 31. a3 Rd8 32. Rf2 Rc7 33. Re3 Cc8 34. Rd4 Rd6 35. e4 Cb6 36. exd5 Cxd5 37. f5 Bg8 38. Bxd5 Bxd5 39. g5 Bg2 40. h4 Bh3 41. Re4 Bg2+ 42. Rd4 Bh3 43. Re4 Bg2 44. Cf3 Bh3 45. Rf4 Bf1 46. d4 Rd5 47. h5 Be2 48. h6 gxh6 49. gxh6 Bxf3 50. Rxf3 1:0

(comentários de J.COSTA CABRAL)

Protestos e acordãos

Embora já divulgados por um dos habituais comunicados da FPX, publicamos hoje, dado o seu interesse a nível individual e a pouca publicidade que, infelizmente, a maioria dos clubes lhes dá, os recentes acordãos do Conselho Jurisdicional.

O protesto de Luís Santos resultou de o jogador que se sentava ao lado do seu adversário accionar, por engano, o seu relógio em vez do relógio que lhe competia.

A recorrente foi participante no I Campeonato Nacional Feminino, integrado na época de 1978.

Ficou empatada, no cimo da tabela classificativa, com outra concorrente, ambas com 6 1/2 pontos.

A direcção da prova declarou vencedora da mesma, Isabel Pereira dos Santos, a concorrente rival, por aplicação do sistema de desempate previsto no artº 38º a) do RCP.

A concorrente protestou, ao abrigo do artº 40º do RCP, alegando em suma:

a) que o RCP é omisso quanto "ao sistema de desempate a adoptar para a atribuição do título em causa";

b) que o regulamento especial da prova é também omisso sobre a mesma matéria;

c) que, portanto, ex vi do artº 57º,2 do RCP se deve aplicar à questão o antigo RPCJ;

d) que o mesmo RPCJ, no seu artº 20º, II, determina que o desempate, nos campeonatos obrigatórios e quanto ao 1º lugar, se faça por via de "match".

Não lhe tendo sido dado provimento ao protesto, recorreu a Ilda Miranda para este Conselho Jurisdicional.

Tudo visto.

A questão que se levanta neste recurso é, fundamentalmente, a da aplicabilidade, em plena vigência do RCP, das normas do anterior RPCJ, para o qual remete o artº 57º,2 do RCP.

Começa por notar-se que o referido artº 57º,2 tem uma redacção infeliz. A intenção do legislador, ao redigir tal preceito, foi, notoriamente, a de não deixar sem regulamentação situações previstas no RPCJ que não fossem consideradas no RCP. De modo a que, com a entrada em vigor do RCP, não houvesse mais omissões de regulamentação do que as que já existiam no domínio do RPCJ.

Nos termos em que está redigido o artº 57º,2, porém não pode afirmar-se que esta intenção tenha tido uma expressão muito correcta. Há assim, portanto, e enquanto se mantiver esta redacção, que apurar qual o conteúdo da regra do artº 57º,2, face à letra e ao espírito da lei.

Num primeiro momento, pode afirmar-se que a mencionada intenção do legislador cabe integralmente na letra do preceito. Resta saber se a esgota. A questão é, assim, a de saber se os preceitos do RPCJ são aplicáveis quando regulam uma situação não prevista no RCP, e só nestes casos, ou se serão aplicáveis, independentemente de omissão, sempre que não contrariem o RCP e, neste caso, qual o alcance da não contrariedade.

Pode estabelecer-se o seguinte quadro, quanto a uma dada situação:

RCP	RPCJ
1) regula a situação	regula-a da mesma forma
2) regula a situação	regula-a de forma diferente
3) regula a situação	não a regula
4) não regula a situação	não a regula
5) não regula a situação	regula-a

Quando deverá dizer-se que o RCP regula uma situação e quando deverá dizer-se que a não regula?

Parece que a distinção se deverá fazer nos seguintes termos: Se o RCP apresenta uma solução, para determinada situação, em termos de se entender que constitui um sistema lógico e completo (independentemente de ser, ou não, desejável), deve entender-se que a situação está regulada. Nos outros casos, que não está.

Na prática poder-se-á usar o seguinte critério. Se a situação tem no RCP uma regulamentação acabada, em termos de — se não existissem o RPCJ ou o artº 57º,2 — a situação ser integralmente resolvida pela letra do RCP, deverá entender-se que este regula a questão. Se a situação não está integralmente regulada em termos de, face à letra do RCP não ser possível determinar uma solução total para a questão, então o RCP não a regula (mesmo que resolva algum aspecto parcial). É aqui que se põe o problema de ir buscar ao RPCJ os elementos necessários para, sem contrariar o RCP, se obter a resolução integral da questão.

Posto isto, novo problema surge. O de saber qual o significado autêntico da expressão "não contrariar", usada no artº 57º,2.

Não poderão, claro, ser chamados preceitos do RPCJ que contrariem materialmente preceitos do RCP.

Sustenta-se ainda, porém, que não poderão ser trazidos à colação preceitos que contrariem o espírito do RCP, porque este regulamento tem uma lógica própria, tem uma coerência que ele próprio, naturalmente, tem interesse em preservar. Deve ficar assente que o RCP não é uma alteração ou um complemento ao RPCJ, é um novo regulamento. Nessa perspectiva deverá, portanto, ser aplicado.

Examinando, agora, os 5 casos acima definidos, podemos concluir:

Nos casos 1), 2) e 3) é uma regulamentação do RCP que se aplica, naturalmente. No caso 2) não interessa, sequer, saber se a regulamentação do RPCJ é mais perfeita ou completa que a do RCP. Desde que este regule a questão integralmente é essa, exclusivamente, a regulamentação a aplicar, pois que a do RPCJ necessariamente a contraria.

No caso 4) não há regulamentação. Também não a havia no domínio do RPCJ. Haverá que integrar a lacuna, face ao caso concreto, procurando regulá-la dentro do espírito do RCP.

O caso 5) é mais complexo. Há que distinguir. Assente que o RCP não contém um sistema acabado para resolver a questão, há que saber se, quando a ela, é completamente omisso ou se, num ou noutro aspecto, a soluciona.

Se é completamente omisso, está em vigor a regulamentação do RPCJ. A não ser que, em absoluto, seja contrária ao espírito do RCP, caso em que estaremos perante uma lacuna, semelhante à do caso 4).

Se, diferentemente, o RCP resolve um ou outro aspecto da questão, de novo se deverá aplicar a regulamentação do RPCJ. Ponto é que se respeitem as soluções parciais definidas no RCP. Se não houver conciliação possível, voltar-se-á a cair — quanto aos aspectos não regulados no RCP — numa situação de lacuna.

Definida, deste modo, a teoria geral da questão, resta aplicá-la à solução do problema levantado pelo recurso. Põe-se assim, no caso concreto, a seguinte questão: o RCP regula (integralmente) a situação dos empates, nas competições individuais (nomeadamente nas competições obrigatórias), ou não regula?

Parece que a resposta não pode deixar de ser afirmativa. O artº 38º do RCP esgota a questão. Permite desempatar qualquer que seja a situação dos empatados.

Sem dúvida que se poderiam ter previsto soluções específicas para diversas competições. Mas tal, sendo possível, não tem o menor carácter de necessidade. Não pode deixar de entender-se, portanto, que se o RCP não estatuíu tais regras específicas foi porque as não quis estatuir. Com a única excepção da fase final do Campeonato Nacional Individual, para a qual o RCP quis uma regra específica (artº 17º,8).

E não se venha argumentar com a (alegada) especificidade das competições obrigatórias. Antes de mais porque não existe. Em todo o RCP só duas normas se lhes referem: a do artº 13º,2 que restringe a possibilidade de limitação à inscrição de participantes e a do artº 53º,3 que manda atribuir um título ao vencedor. Duas determinações inerentes às competições obrigatórias, como facilmente se concederá. Inerência esta que, de forma alguma, existe quanto ao sistema de desempate. E que assim é resulta, até, da necessidade da norma do artº 17º,8 quando o RCP quis — só neste caso — determinar uma forma diferente de desempate. Forma esta que, quanto a dois jogadores, é idêntica à estipulada no artº 21º,2 do RPCJ. O artº 21º,2 do RPCJ não pode, portanto, na lógica do RCP, estar em vigor. Note-se, aliás, que o conceito de "campeonatos obrigatórios" do RPCJ é bem diferente do actual (RCP). Também, por isto, não há fundamento para a aplicação actual de uma regra cujo campo de aplicação original era diferente.

Trata-se, no caso concreto, de um caso do tipo 2) acima descrito. A solução é, assim, conforme à enunciada para o caso abstracto. Termos em que se nega provimento ao recurso.

ACORDÃO SOBRE O CASO LUIS SANTOS (VIII CAMPEONATO NACIONAL INDIVIDUAL DE PARTIDAS RÁPIDAS)

O jogador Luis Santos, considerando-se prejudicado, no decorrer do Campeonato em epígrafe, por atitudes tomadas inadvertidamente por outro participante, protestou, junto da direcção da prova, "o resultado da sua partida" em que perdeu — por tempo — devido à intervenção do referido participante, estranho à mesma partida.

O protesto, primeiro oral, depois reduzido a escrito, foi entregue à direcção da prova no dia 14 de Maio de 1978, sendo certo que o Campeonato se realizara na véspera.

Tudo visto.

Cabe, antes de mais, frisar que o CJ da FPX não tem, sequer, que se pronunciar sobre este caso. Na verdade, ao CJ cabe apreciar os recursos interpostos das decisões que neguem provimento aos protestos (RCP artº 40º,4 e Est, FPX artº 25º,1). Ora não houve qualquer recurso no caso vertente, apenas tendo sido enviada ao CJ, cópia do protesto original.

Posto isto, não deixará o CJ de tecer umas breves considerações sobre a questão, com o fim de esclarecimento geral.

As competições de partidas rápidas são reguladas, antes de mais, pelas Regras de Partidas Rápidas da FIDE (RPR), regulamento que tem um carácter especial em relação ao RCP, de carácter geral, essencialmente voltado para a modalidade normal (em nenhum caso se debruçando sobre a problemática específica das partidas rápidas).

Se bem se ler as RPR atentar-se-á que todo o seu esquema se desenvolve à base de um critério de celeridade e de oportunidade. O que facilmente se compreende se se atentar que as competições desta espécie são usualmente jogadas num só dia, sucedendo-se as várias sessões praticamente sem intervalo.

Deste princípio geral resultam vários corolários. Assim, e em primeiro lugar, é patente a obrigatoriedade de cada jogador fiscalizar a regularidade da sua própria partida (RPR artºs 4, 9, 11, 12, 15, entre outros). Num segundo aspecto, as decisões do árbitro (ou da direcção da prova, se não houver árbitro) são definitivas. Delas não cabe qualquer recurso (RPR 15, in fine). Isto é, o artº 40º do RCP não tem praticamente, aplicação nas competições de partidas rápidas. Nestas apenas se compreende o protesto oral, a ser resolvido como se disse) no momento, sem recurso. Se o árbitro errar, o participante protestante não tem mais meios de defesa do que, eventualmente, alegar junto da entidade competente a parcialidade ou incompetência do árbitro, em termos de tais características virem a ser tomadas em conta aquando da nomeação de árbitro para um nova prova.

Repare-se ainda, que qualquer protesto deverá ser apresentado e apreciado imediatamente após a ocorrência da alegada irregularidade. Em qualquer caso sempre no decurso do Campeonato, pois que com o fim da competição terminam as funções do árbitro.

Nestes termos devolve-se o protesto recebido, pois que sobre o mesmo não tem este CJ que se pronunciar.

O Conselho Jurisdicional
da Federação Portuguesa de Xadrez

O regresso dos xeques magníficos

Mea culpa, devo confessar que quando troquei de secções com o Luís Santos estava firmemente decidido a abordar os "Temas Tácticos" com o mesmo rigor arrumadinho com que tratara os "Estratégicos". Contudo, o meu espírito anárquico acabou por emergir do largo lago de fundo profundo, como sentenciaria o Segismund, se por acaso tivesse alma de rimador. (A falar verdade, estou a "encostar-me" ao Freud só porque não tive ainda nem tempo nem paciência para ordenar uma série de exemplos que tratem de temas mais interessantes que o mate em um. Mesmo um assunto como o xeque duplo, o "barrete" ou a defesa de posições do tipo "tem-te não caias" exige um grande trabalho de pesquisa e catalogação, que eu fui optimisticamente adiando, à espera de melhores dias.

Ora bem: estando eu a oitenta e três horas e alguns minutos de partir para férias (como o tempo é longo, mau diabo!), já com a tenda, saco-cama, o fogãozinho gazcidla (passe a publicidade), caçarolas e salsichas Nobre (da costa riomaiorense, se é que o trocadilho ainda tem alguma actualidade quando este simulacre de artigo for esborrachado pela impressora), enfim, todos os objectos necessários a um campismo mais ou menos confortável (a propósito, tenho de ver se me lembro de levar também o mata-mosquitos-e-percevejos), tudo salutarmente desarrumado no corredor, dizia eu, se não me perdi entretanto, que uma histórica altura como esta não é propícia para tratar finalmente os "Temas Tácticos" em folhetim que é como quem diz, pegar num assunto e desenvolvê-lo de verdade.

Por isso, e com o desejo de que tenham umas férias tão boas como as que eu espero para mim próprio (não sei porquê, um tipo ganha sempre amizades, quando afirma estas coisas...), passemos a observar a maravilhosa forma táctica (ao menos não estou de todo fora da secção, estão a ver?) como o soviético Efim Geler mandou o jugoslavo Fuderer dar uma volta (nada de más leituras, vale? !), no Interzonal de Gutemburgo, 1955.

Uma partida de ataque do princípio ao fim, com um sacrifício de cavalo logo ao lance treze, e um mate final de se lhe tirar o chapéu (mas não tirem durante muito tempo, porque se arriscam a uma insolação), altamente merecedora do título em cabeçalho!

Vivam as férias!

GELER – FUDERER
Gutemburgo (interzonal), 1955
I Gambito de Dama

1. d4 d5 2. c4 e6 3. Cc3 c6 4. Cf3 Cf6 5. e3 a6 6. Bd3 Cbd7 7. 0-0 dxc4 8. Bbxc4 b5 9. Bb3

Estamos em pleno Sistema Merano. Aqui também é possível 9. Bd3, mas hoje não levam teoria nenhuma, porque já arrumei a livralhada toda. Aliás, a "Secção de Consulta" continua às vossas ordens...

9...c5 10. De2 Bb7 11. Td1 Dc7 12. e4 cxd4

13. Cd5!? exd5 14. exd5+ Be7 15. Bg5 Cc5?

A única hipótese de pretender refutar o ousado sacrifício de Geler seria 15...Rf8!, resposta que deveria seguir também a 15. Txd4.

16. d6! Dxd6 17. Cxd4 Cce4

Pior seria 17...Cfe4? 18. Bxe7 Dxe7 19. Cf5, seguido de 20. Cd6+.

18. Ce6! Dc6 19. Cxg7+ Rf8 20. Bh6 Rg8 21. Df3

As negras pretendiam 21.Cc3! Uma alternativa interessante seria 21. Bd5!? Cxd5 22. Cf5!, ameaçando, entre outras coisas, 23. Dg4+ e 23. Txd5.

21...Bc5 22. Tac1! Bxf2+

Um mate bonito surge depois de 22...Db6 23. Td7! Tf8 24. Txb7! Dxb7 (24...Bxf2+ 25. Rh1 Dxb7 26. Cf5 Td8 27. Bd5! Txd5 28. Tc8+) 25. Txc5! Cxc5 26. Dg3 Cfe4 27. Ch5+! Cxg3 28. Cf6++.

23. Dxf2 Cxf2

Os mates continuam depois de 23...Dxc1 24. Txc1 Cxf2 25. Cf5 Te8 26. Tc7! Bd5 27. Tc8 Txc8 28. Ce7++. Repare-se que a única função da Th8 tem sido...retirar uma casa de fuga ao seu próprio rei!

24. Txc6 C6g4

Não são melhores 24...C2g4 25. Cf5! Cxh6 26. Txf6 Cxf5 27. Txf7, ou 24...Bxc6 25. Cf5 Te8 26. Td8 ou 24...Cxd1 25. Txf6 Tf8 26. Ch5 Cxb2 27. Tg6+ ! hxg6 28. Cf6++.

25. Bxf7! + Rxf7 26. Tc7+? !

Mais rápido seria 26. Td7+ Rg8 27. Ce6.

26...Rg8.

Acho que não vale a pena analisar 26...Rf6 27. Tc6+...

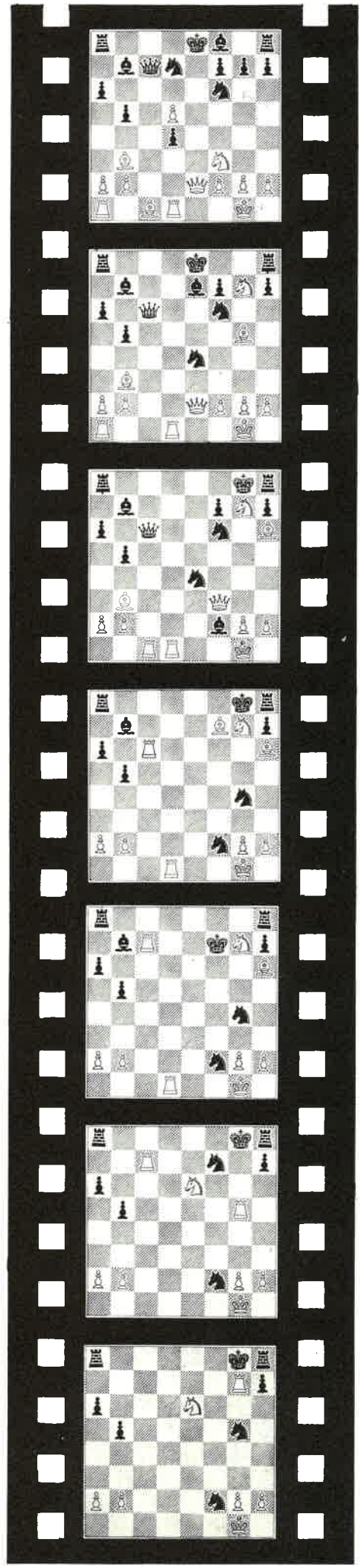
27. Td7 Bd5

Para evitar 28. Ce6.

28. Txd5 Cxh6 29. Ce6 Cf7 30. Tg5+! 1:0

A 30...Cxg5 segue 31. Tg7++.

ÁLVARO PEREIRA



Bobby Fisher e o computador

Do jornal "LA SUISSE" de 1 de Julho último, respigámos esta notícia que nos parece de plena actualidade no momento em que o match para o Campeonato do Mundo, presentemente a ser disputado entre KARPOV e KORCHNOI recentemente disputado entre KARPOV e KORCHNOI de forma alguma nos faz fez esquecer o Grande Mestre norte-americano, que pessoalmente, não estou a conceber poder ser derrotado por qualquer dos dois últimos pretendentes ao galardão máximo do xadrez mundial, isto se a sua forma actual for pelo menos equivalente à que patenteou aquando do seu match com SPASSKY em 1972.

Com a devida vénia passamos a transcrever algumas passagens da referida notícia:

"O problema da transformação do ordenador em máquina realmente inteligente continua a torturar o cérebro dos matemáticos especialistas. O "test" mais usualmente escolhido por estes é o jogo de xadrez já que se pode evidentemente admitir que a capacidade de bem jogar xadrez necessita uma certa forma de inteligência.

Programaram-se portanto ordenadores com este objectivo praticamente desde a sua criação (os primeiros trabalhos sérios começaram logo após a Segunda Guerra Mundial). Durante muito tempo, as partidas jogadas pelos "robots" não suscitaram um entusiasmo delirante e mais se prestavam ao riso. Os progressos foram entretanto rápidos e actualmente já não se hesita em mobilizar um grande mestre para medir a qualidade do programa.

E nesse sentido os programadores de "CHESS 5.0" (Control Data) fizeram um apelo a Robert Fischer. O antigo campeão do Mundo, ainda considerado o mais forte jogador do nosso planeta, dignou-se sair do seu isolamento voluntário para jogar duas partidas com o seu curioso parceiro".

Das referidas partidas jogadas em Nova Orleans em Maio passado, apenas aqui reproduzimos uma, justamente aquela em que a "máquina" opôs maior resistência ao seu categorizado antagonista. Naturalmente não será por esta partida que se poderá aquilatar da actual força do jogo do antigo campeão mundial, sobretudo tendo em conta que o "adversário", apesar de todo o avanço na técnica da programação dos computadores, não vai ainda além de 4 ou 5 lances nas suas "análises", o que se demonstra ser insuficiente, pelo menos contra parceiro de tal envergadura!...

Mas, vamos à partida..., sem comentários.

"CHESS 5.0" – R. FISCHER *Siciliana*

1. e4 c5 2. Cf3 g6 3. d4 Bg7 4. Cc3 cxd4 5. Cxd4 Cc6 6. Be3 Cf6 7. Cxc6 bxc6 8. e5 Cg8 9. f4 f6 10. exf6 Cxf6 11. Bc4 d5 12. Be2 Tb8 13. b3, Cg4! 14. Bd4 e5 15. fxe5 0-0 16. Bxg4 Dh4+ 17. g3 Dxg4 18. Dxg4 Bxg4 19. Tf1 Txf1+20. Rxf1

c5! 21. Bf2 Bxe5 22. Be1 Tf8+ 23. Rg2 Tf3 24. h3 Txc3 25. Bxc3 Bxc3 26. Tf1 Bf5 27. Tf2 h5 28. Te2 Rf7 29. Te3 Bd4 30. Tf3 Re6 31. c3 Be5 32. Te3 d4 33. cxd4 cxd4 34. Te1 d3 35. h4 d2 36. Td1 Bc3 37. Rf2 Bg4 38. Th1 Bd4+ 39. Abandona

JOSÉ VINAGRE

PARA RESOLVER

Combinações

49
LEVITSKY – MARSHALL
Breslav 1912

Jogam as pretas

50
H. SARDINHA – T. DUARTE
Lisboa 1976

Jogam as brancas

51
KERES – GLIGORIC
Candidatos 1959

Ganham as brancas

Estudos e Finais

49
L. PROKES

Brancas empatam 2+2

50
H. HULBERG

As brancas ganham 3+3

51
O. J. CARLSSON

As brancas empatam 3+4

Problemas

49
F. B. FEAST

6+5 2++

50
A. BOTTACHI

8+4 2++

51
PIERRE BISCAY

4+2 3++

(soluções na pág. 109)